

ESPIRITISMO E MODERNIDADE

VISÃO DE SOCIEDADE, FAMÍLIA,
CENTRO E MOVIMENTO ESPÍRITAS



ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

EDIÇÕES U.S.E.

0
2

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Espiritismo E Modernidade

INDICE

Prefácio	7
1 — Introdução.....	11
2 — Origens do brasileiro	
2.1 — Família, educação e sociedade	20
2.2 — Brasil - Pátria do Evangelho?....	34
3 — A família e o Espiritismo	
3.1 — A família no mundo atual....	40
3.2 — A família dos espíritas	43
3.3 — O lar e a sociedade	46
4 — Evolução do movimento espírita	
4.1 - Os Centros Espíritas	50
4.2 — Serviço assistencial e comunidade	54
4.3 — A expansão do movimento espírita paulista	63
4.4 — Mídia, divulgação e comunicação	69
5 — Experiências de Centro Espírita	
5.1 — Polêmicas sobre aparência e tamanho	76

5.2	– Características dos Centros	80
5.3	– Experiência de educação mediúnica	85
6	– Movimento e sociedade	
6.1	– Quem são os espíritas?	88
6.2	– Os espíritas estão nos Centros?	93
6.3	- Visão de futuro	96
5		
	ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO	
7	– Se está bem, como melhorar?	
7.1	- As ligações espirituais	100
7.2	- Perfil do dirigente espírita..	102
7.3	- Como tomar melhor o Centro Espírita....	106
7.4	- Projeto pedagógico para o Centro Espírita.....	109
7.5	- Como dinamizar ações regionais	115
7.6	- Esforço pela unificação	117
8	– Conclusões	
8.1	- A família	122
8.2	– O Centro e o movimento ..	125
8.3	- A elaboração humana.....	126

PREFACIO

Quando Allan Kardec elaborou a "Constituição do Espiritismo"¹ ele assim se expressou: *"Imaginar que ainda estamos nos tempos em que alguns apóstolos podiam pôr-se a caminho com um bastão de viagem, sem cogitarem de saber onde pousariam, nem do que comeriam, fora alimentar uma ilusão que bem depressa amarga decepção destruiria. Para alguém fazer qualquer coisa séria, tem que se submeter às necessidades impostas pelos costumes da época em que vive e essas necessidades são muito diferentes das dos tempos da vida patriarcal. O próprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar a meio do caminho. Apreciamo-los portanto, uma vez que estamos num século em que é preciso calcular tudo".*

Ao lermos "Espiritismo e Modernidade" da lavra de Antonio Cesar Perri de Carvalho, imediatamente vieram à nossa mente as palavras de Allan Kardec, ajustando-se perfeitamente no apoio ao esforço do estimado autor.

¹ (*)-Item IX - Vias e Meios, em KARDEC, A. - Obras póstumas, Rio de Janeiro, Ed.FEB, p.337 (grifos nossos).

Com sua proverbial lucidez, o Codificador do Espiritismo, de forma veemente, assinalou: *"Opróprio interesse do Espiritismo exige, pois, que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar a meio do caminho"* Refere-se Kardec de forma muito incisiva quanto a *"apreciar os meios de ação"* É exatamente isso que Antonio Cesar faz nesta obra. Ao se referir o Codificador quanto a apreciar os meios de ação, está implícita a necessidade da Teoria para que a prática seja eficiente, ou seja uma efetiva *praxis*.

Um trabalho desse teor exige, pois, do seu autor a conjugação da teoria com a prática, condições muito difíceis de se associarem em uma mesma personalidade. No entanto, Antonio Cesar Perri de Carvalho detém essa característica de personalidade. Desde a sua mocidade acompanhamos, com admiração, sua dedicação ao estudo do Espiritismo, sua preocupação na organização de grupos de estudos, seminários, palestras, conferências. Ao mesmo tempo, revelava a objetividade e a praticidade de raramente encontráveis nos "teóricos". Daí, seus passos naturais: dirigente de Mocidade Espírita, presidente de Confraternizações de Mocidades Espíritas, diretor de Centro Espírita, presidente de União Intermunicipal Espírita, diretor de Conselho Regional Espírita, presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo e, atualmente, diretor desta Sociedade e coordenador da comissão de comemoração do cinquentenário da USE.

Por outro lado, lastreado pelo estudo e pela teoria, também muito cedo, emerge como articulista, dirigente de jornais espíritas e escritor de várias obras.

Portanto, as reflexões expressas em "Espiritismo e Modernidade" são de uma pessoa efetivamente preparada para nos revelar a visão espírita sobre a modernidade, iniciando com suas análises histórica, sociológica e antropológica das origens do povo brasileiro: a família e a sociedade e dentro desse universo o centro espírita e o movimento espírita.

Balizado pelos princípios espíritas e pelos fundamentos da sociologia, antropologia, política e economia, o pesquisador Antonio Cesar faz claro e racional diagnóstico do Centro Espírita, das Instituições e do movimento espírita. Com propriedade indaga: *Se está bem, como melhorar?* (Cap.7). Todavia, não apenas questiona à maneira dos insensatos. Questiona, mas propõe: *Como tomar melhor o Centro Espírita* (item 7.3).

Com a experiência do professor universitário, didaticamente, sugere o projeto pedagógico para o Centro Espírita (item 7.4), que se desdobrará, também, nas ações espíritas regionais, num processo eficiente e harmônico da organização unificacionista.

Portanto, o projeto pedagógico depende da participação humana e no capítulo final ele adverte: *"Se a Doutrina é dos Espíritos, o movimento é dos homens!"*

Desta maneira, Espiritismo e modernidade. Visão de sociedade, família, centro e movimento espíritas, é uma obra que todo espírita deve ler, especialmente

aquelas pessoas que se sentem comprometidas com o Centro, instituições e o movimento espírita a fim de que, como afirmou Allan Kardec: "...que se apreciem os meios de ação, para não ser forçoso parar a meio do caminho".

Antonio Cesar indica-nos, neste trabalho, como apreciar os meios racionais e eficientes para a ação espírita.

Lins, março de 1996.

Aylton Paiva

1 INTRODUÇÃO

A expectativa pelo dealbar do século XXI e do 3º milênio é evidente. A passagem dos séculos e de milênios geraram reações que oscilaram do receio e superstições à esperança demasiada.

No meio espírita, em geral, nota-se intensa expectativa pelo 3º milênio, anunciado como o início de uma nova Era para a Humanidade.

Se o 3º milênio se inicia no ano 2001, não se pode esquecer que ele durará mil anos. Assim, não é a passagem de século ou de milênio que, magicamente, propiciarão renovações rapidíssimas e intensas.

Nos últimos anos, houve acentuado progresso científico e tecnológico, acompanhado por rápidas mudanças sócio-políticas. As mudanças políticas e sociais estão aceleradas. Com instantaneidade acompanhamos o desenrolar do dinâmico cenário político-mundial de nossos dias. Toma-se comum o relacionamento com pessoas de culturas, formações e religiões diversas. Os dogmas religiosos e o policiamento ideológico, que chegaram praticamente dar unidade à sociedade ocidental, já são marcas do passado. O desaparecimento da guerra fria e das barreiras entre os mundos capitalistas e comunistas é seguido de vultosas integrações continentais, como o Mercosul, que envolve o Brasil. O cidadão do novo século, à vista dos imperativos da tecnologia, da globalização e do conhecimento ampliado e disseminado, deverá ser um *cidadão do mundo*.

Simultaneamente nota-se exacerbação da intolerância e do fanatismo religioso. Desrespeitos, crimes e guerras têm sido alimentados pelo extremismo religioso.

Estudiosos têm chamado atenção sobre mudanças que advirão com o processo de globalização. O rápido progresso tecnológico, em princípio, tenderá também para ampliar a faixa de marginalizados e de excluídos.

Há perspectivas de maior concentração da população urbana e do surgimento de metrópoles e de megacidades. Neste ambiente, haverá convivência de opulência e de miséria.

O conjunto de projeções para a passagem de século acena para muitas dificuldades. Ao invés de benesses, pelo menos nas próximas décadas, poderemos assistir a alguns acirramentos de pugnas religiosas, étnicas e políticas e ainda de ampliação das faixas sociais mais carentes.

Em nosso país, há esforços de estabilidade econômica com renovação política. Há tendência mundial de se redimensionar o Estado, superando-se a fase do Estado gigante e paternalista.

As propostas governamentais em fase de implementação trarão reflexos às sociedades assistenciais, pois a política para esta área deverá ser diferente das antigas práticas de meras subvenções chanceladas pelo antigo e extinto Conselho Nacional de Serviço Social. Devem-se refletir as finalidades da assistência social praticada pelos espíritas e, talvez, com reavaliação de suas relações com a comunidade e com os órgãos governamentais. É imprescindível a consolidação de mecanismos que agilizem o aperfeiçoamento da administração das Sociedades Espíritas, favoreçam a união dos espíritas e a propagação da Doutrina, sempre com respeito à diversidade das realidades das cidades e dos bairros onde se localizam. A modernidade não prescinde do apoio ético e espiritual, mas não podem existir muros discriminatórios e fossos de distanciamento.

Esse cenário poderá significar necessidade de muito trabalho e com amplitude, baseado em bem sedimentadas Sociedades Espíritas, mas com evidente interação com a sociedade. A carência não é, nem será apenas física, mas moral e espiritual. O movimento espírita deverá ter um papel importante, contribuindo com o processo de educação dos homens com a ótica ampliada pelo princípio da imortalidade da alma.

A nosso ver, urge o repensar das Sociedades Espíritas. Estas não podem mais permanecer com preocupações intramuros ou só atendendo topicamente parcelas de carenciados sócio-econômicos. Um planejamento global, à semelhança de projetos pedagógicos de cursos, poderá melhor inserir os Centros e o movimento espírita no meio social. Seria o terceiro período - das aplicações e das conseqüências -, predito por Kardec nas conclusões de "O Livro dos Espíritos".

Para tanto, há necessidade de se superar a mentalidade salvacionista que culturalmente trazemos arraigada em nosso espírito e de se superar a visão ingênua e mágica do progresso da Humanidade, pela simples passagem de século e de milênio. O início do século XXI e do 3º milênio prenunciam necessidade de muita ação!

Em *Espiritismo e Modernidade*, analisamos o novo cenário da humanidade, que poderá significar premência de interação com a sociedade. Embora já se discuta a pós-modernidade, adotamos o termo moderno por razões de facilidade de comunicação e entendendo que a modernidade é a época em que o fato de ser moderno se toma um valor determinante.

Há uma tendência natural de se repetirem experiências. Acontece que, entre

uma geração e outra, há um tempo médio de **20** anos. Inconscientemente, poderemos estar educando com base em cultura e valores sedimentados em nós pelos nossos pais, que foram influenciados pelos seus pais. Aí, poderá estar havendo uma diferença de **40 a 50** anos. Sem desmerecê-los e com todo o respeito, se há valores que são imutáveis, há outros de época. Assim, não podemos perder de vista o fato de que a sociedade de hoje é muito diferente daquela de outras décadas. Daí a importância da reciclagem com informações educacionais e espirituais, adequando-as à sociedade atual, evitando-se o isolamento do mundo, como se vivesse num *mundinho* pessoal.

Além disso, a Doutrina Espírita assegura-nos os princípios da imortalidade e da pré-existência da alma. O Espírito é imortal, individual e com etapas evolutivas próprias. O conhecimento destes fatos deve ser incorporado no processo educacional formal e no ambiente familiar. O respeito à individualidade é um exercício de fraternidade e de solidariedade, reconhecendo-se as dificuldades de cada um, sem exigências que seriam des-respeitadoras dos limites pessoais. Porém, deve ficar claro que individualidade não é o mesmo que individualismo. Este é o caminho para o egoísmo. Através da família, o mecanismo reencarnatório objetiva oferecer uma nova experiência educacional ao ser que retoma ao cenário físico. Daí a relação que Kardec estabelece entre *laços de família e laços sociais* em sua obra inaugural. Numa sociedade assentada em valores familiares e com relações de reciprocidade, deve-se pugnar para que o indivíduo se aposses da cultura disponível, interiorizando-a para utilizá-la como um instrumento pessoal, de pensamento e ação do mundo. A família participa de um sistema², num contínuo processo de transação com o meio.

◆ * *

À guisa de apresentação, resumimos as matérias desenvolvidas neste livro. Em obras psicográficas de Francisco Cândido Xavier, que degustamos desde o final da adolescência, como *A Caminho da Luz e Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, entendemos a *visão do lado de lá* a respeito de nosso processo civilizatório. Respeitadas as devidas proporções e dentro de nossas possibilidades

² (*) - *Como em vários momentos fazemos referência a visão sistêmica, achamos oportuna a apresentação de um conceito apresentado por Adalgiza C. Balieiro: "O pensamento sistêmico é pensamento de processo. Os fatos ocorridos em um organismo, numa abordagem sistêmica, têm que ser interpretados de forma integrativa, ampla, transcendendo sempre os limites da observação ingênua e imediatista. A visão sistêmica propõe integrar os vários aspectos do conhecimento humano, superando as barreiras do individualismo, da fragmentação e do isolacionismo, em busca da compreensão da realidade no sentido de aprendê-la em sua totalidade. - A Teoria Geral dos Sistemas nos faculta uma compreensão dilatada da realidade, nos permitindo promover mudanças significativas em nosso comportamento" (O Espiritismo no pensamento e na ação, Anais do 9º Congresso Estadual de Espiritismo, São Paulo, Ed. USE, 1995, p. 45).*

fazemos uma análise espírita, mas com a *ótica do lado de cá*, sem a preocupação de comentar as citadas obras magistrais. Assim, o presente estudo está baseado em nossa vivência, em pesquisas e na reflexão a propósito do movimento espírita. Como manifestações em abeituraa do 8º e 9º Congressos Estaduais de Espiritismo, em forma de artigos, algumas matérias foram preliminarmente publicadas em Anais do 8º e 9º dos citados Congressos e em periódicos: "Revista Internacional de Espiritismo", revista "Reencarnação" e, principalmente, no jornal "Dirigente Espírita", sendo revisadas e adequadas em função do conjunto da presente obra. São Paulo, janeiro de 1996.

2 ORIGENS DO BRASILEIRO

2.1 FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Os laços de família podem ser analisados desde a ótica dos mitos³, em função de sistemas religiosos onde a mãe era o principal progenitor — a fonte. A Grande Deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da Mesopotâmia. No Egito, a *deusa* Nut era representada como sendo a esfera celeste. Desde as sociedades tribais e agrárias, a organização da família tem vinculação com a relação entre os grupos humanos e as questões econômicas. O patriarcado, reforçado pelos livros do Velho Testamento, marca profundamente as relações familiares e contribui para o rompimento dos laços entre mães e filhos. Assim, herdamos a base patriarcal da cultura religiosa judaico-cristã. Analisando as influências mais próximas sobre a família brasileira, é oportuna uma vista d'olhos no mundo ocidental e mais especificamente no latino, a partir do século XV. A evolução da família no país deve ser analisada em função da educação jesuítica, da miscigenação com os índios e os negros e, após a libertação dos escravos, com a chegada dos imigrantes de vários países ¹¹.

Em nossa civilização o homem sempre esteve envolvido em atividades públicas (as guerras e a política), e a mulher dedicada a tarefas domésticas. A cultura religiosa judaico-cristã, pela localização da sede da Igreja em Roma, interagiu e se aclimatou ao cenário latino. Todavia, a cultura latina sofreu influências advindas da prolongada ocupação do sul da Europa pelos muçulmanos, e todas estas têm no patriarcado um traço em comum.

2.2 FAMÍLIA À ÉPOCA DA COLONIZAÇÃO DO NOVO MUNDO

A família possuía um forte sentimento de linhagem. O homem era desobrigado de obrigações no lar, tinha a incumbência do sustento do lar e era engajado em conquistas de novas terras e em guerras¹. Inclusive, a Igreja envolvia a família para reconquistar Jerusalém e substituir a cultura nos territórios europeus ocupados pelos muçulmanos. À vista disto, as famílias forneciam filhos para as ordens religiosas e para as "guerras santas", alimentadas por doutrinação salvacionista. A resposta da Igreja aos movimentos que foram surgindo com o objetivo de sua renovação, foi a Inquisição, que provocou controles na vida das famílias e na sociedade em geral. Naquela época, as famílias planejavam muitos filhos, mesmo porque a mortalidade infantil era elevadíssima. A criança era considerada um adulto em miniatura e não havia escolarização formal. A educação se processava pela aprendizagem, graças à convivência com jovens e adultos'. No século XVI começou a se desenvolver a chamada família moderna, caracterizando-se pelo recolhimento à intimidade do lar. O parentesco era até então estendido a afilhados, amigos próximos e até a empregados de confiança. Todos coabitavam casas grandes, mesclando-se ainda atividades comerciais, profissionais e sociais¹. Os nobres viviam em castelos, com tais hábitos.

Com a descoberta da América, portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses foram os responsáveis pela colonização das novas terras. Em geral, vieram famílias falidas ou desencantadas com o Velho Mundo. Mas ocorreram diferenças muito marcadas em cada tipo de colonização.

O Brasil recebeu homens desacompanhados de suas famílias e degredados. Era o início de uma aventura à procura de riquezas, levando-as para a Metrópole. A Coroa Portuguesa objetivava o povoamento, a defesa e a propagação da fé católica. Os jesuítas foram incumbidos da educação. Em seu primeiro Plano Educacional, o jesuíta Manoel da Nóbrega propunha a catequização dos indígenas e a instrução deles e dos filhos dos colonizadores. Logo, o propósito se alterou para catequização dos indígenas e a instrução exclusivamente dos descendentes dos portugueses. A Companhia de Jesus tomou-se a Ordem responsável pelas tarefas educacionais. A formação educacional oferecida pelos jesuítas era muito rígida, selecionando livros e evitando a disseminação de outras orientações religiosas e do espírito científico nascente^{11,13}.

Simultaneamente, em ambiente de promiscuidade, acentuava-se a miscigenação com os indígenas, povos de cultura muito diversa do cenário europeu. Sob o controle da Igreja Romana, o casamento era tratado como razão de segurança

para os territórios, e a mulher era tratada com conotação pietista e orientada para a reprodução. Nas vilas da colônia brasileira, os homens eram muito ausentes em função das longas viagens para busca de riquezas, e as mulheres ficavam à mercê de relações ilegais, gerando grande quantidade de filhos "bastardos". No entanto, a Igreja acomodava situações em processos que acabavam absolvendo as "pecadoras". A confissão auricular era um poderoso meio de controle das famílias e de manutenção do poder da Igreja Romana. As crianças ficavam muito sujeitas a estas situações, convivendo com vizinhas, comadres e com outros "irmãos"^{8,12}.

Portanto, a família era cenário de profundas interferências da Igreja de Roma nos comportamentos, inclusive impondo à mulher o recolhimento e o papel de mãe devotada. Frases de religiosos da época e manuais portugueses de casamento deixam claro que a mulher era considerada um veículo de perdição da saúde e da alma de seus cônjuges ^{I2}.

Por outro lado, as colônias espanholas, sob influência de outras ordens religiosas, já dispunham de universidades reais, instaladas desde o século XVI.

Nas colônias inglesas, as famílias provenientes da Grã-Bretanha, trabalhavam conjunta e arduamente se esforçando para a construção de um país livre das tradições do Velho Continente. Havia a marca da ética das religiões advindas da Reforma e com atenção à educação formal. Desde 1647, na região de Massachusetts era obrigatória a criação de escolas tipo primária e secundária para vilas que contavam, respectivamente, com 50 e 100 famílias.

ESCRavidÃO NO BRASIL

Outro fator que influenciou a constituição da família brasileira foi a escravidão. A Igreja Romana justificava o tráfico de negros como um caminho de remissão pelo trabalho e o ensino do caminho da salvação cristã. Os proprietários das terras e dos engenhos entenderam que as práticas da religião e o descanso do domingo atrapalhavam a produção. A solução encontrada foi a redução do descanso a alguns poucos dias por ano. As contradições geradas pela escravidão e a miscigenação com os negros provocou profundos reflexos na família brasileira ⁴.

A FAMÍLIA E A ESCOLARIZAÇÃO

As escolas exerceram grandes influências nas famílias. Havia disputa cerrada entre os defensores do ensino confessional alimentado pela Igreja Romana e do ensino laico. Mesmo nas tradicionais universidades européias havia luta entre ordens religiosas e nítidas tentativas de controle por parte da Igreja de Roma. A Universidade de Coimbra, em Portugal, ficou sob controle dos jesuítas e isolada da cultura e da ciência européia, até as reformas pombalinas no século XVIII. Napoleão provocou uma reforma da legislação do ensino na França, inclusive com o objetivo de laicizar o ensino institucional ^{11,12}.

A criança passava a ser alvo de atenções e a ser separada do mundo dos

adultos. Apesar de correntes contrárias à escola, com defesa de que a criança deveria ser educada pelo mundo, a escola passou a substituir a aprendizagem natural como meio de educação. Assim, fortalece-se um sentimento de família inseparável das preocupações com a infância *

Ao mesmo tempo que se publicavam diversos livros de regras de cortesia e de moral, surgiam movimentos educacionais influenciados por Rousseau e pelos ideais da Revolução francesa. Desde a passagem para o século XIX, Pestalozzi experimentava a chamada "pedagogia do amor" em suas escolas na Suíça e na Alemanha, com espírito de família e apregoava que a verdadeira educação era a moralidade. À semelhança de Rousseau, Pestalozzi depositava nas mãos das mães o verdadeiro centro da educação infantil⁷.

PAPEL DO PROF. RIVAL

A esta altura cabe um parêntese para se situar a ação do ex-aluno de Pestalozzi, o Prof. Hypollite Léon Denizard Rivail, o futuro Kardec. Este tomou-se, em Paris, um dos pioneiros e dos inovadores da escola de I^o- grau, árduo defensor da educação popular e leiga, tendo trabalhado pela reorganização geral do ensino francês. Seu primeiro livro — "Curso prático e teórico de aritmética" era recomendado aos professores e às mães de família que desejassem dar aos seus filhos tais noções ¹⁴. O casal Rivail fundou escolas e lecionou em várias outras, trabalhou pioneiramente pela educação feminina, chegando a fundar um pequeno pensionato de mocinhas, na zona suburbana de Paris.

Cerca de **30** anos depois sua visão se alarga, e trata da questão educacional em "O Livro dos Espíritos" como uma tarefa dos pais. Nestas rápidas pinceladas históricas podemos sentir o contexto em que o Prof. Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, trabalhou questões de "O Livro dos Espíritos", enfeixadas nos itens sobre a infância, direitos do homem e da mulher e sobre os **laços de família**⁵, os quais são detalhados em capítulos de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" ⁶.

ENSINO LAICO E ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS

No Brasil, a mentalidade educacional jesuítica demorou para ser eliminada, o que veio ser conquista do período republicano, inclusive sob influência do positivismo, iniciando-se movimentos a favor da escola laica, independente e com incentivo à ciência^{11,13}.

Durante o Estado Novo, a Igreja Católica fez várias investidas para readquirir o acesso às escolas públicas.

Com a expansão do ensino, inclusive o superior, na passagem da década de **40** para **50** surgiram as universidades católicas, como as PUCs, justamente para se contraporem academicamente à onda materialista, existencialista e comunista que

estaria influenciando o ensino superior em geral.

Neste ínterim, em alguns momentos, foi incentivado o ensino religioso nas escolas públicas. O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira e o Conselho Deliberativo Estadual da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo manifestaram-se contrariamente ao uso do horário pelos espíritas.

Por volta de 1990, no meio espírita paulista, levantou-se a polêmica sobre o ensino religioso nas escolas. O Departamento de Educação da USE elaborou minucioso estudo sobre o assunto, evocando posições doutrinárias, inclusive a favor do ensino laico, desde o prof. Rivail, Cairbar Schutel, da USE, do CFN da Federação Espírita Brasileira. Ainda ponderava que frente aos dados da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, quanto ao número de alunos e de escolas da rede pública, o movimento espírita seria insuficiente para atender tal demanda. Lembrou-se das dificuldades nas atividades rotineiras das Sociedades Espíritas quanto a expositores e evangelizadores da infância e de que havia exigências de formação pedagógica para a atuação como profissionais nas escolas⁴.

As discussões sobre o ensino religioso nas escolas ressurgiram quando o Governo do Estado de São Paulo, em 1994, firmou termos de cooperação técnica entre a Secretaria de Estado da Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e entidades evangélicas para, respectivamente, elaborar proposta de implementação do ensino católico e de ensino evangélico, nas escolas públicas estaduais de 1º- e 2º- graus. Com a mudança do Governo Estadual, em 1995, foram revogadas as regulamentações citadas. Iniciaram-se novos estudos, sempre sofrendo pressões originárias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Por outro lado, sabe-se que em outros Estados, o ensino religioso transformou-se em espaço para se completar a carga horária de professores e, como é atividade remunerada, para se aumentar a renda.

PROPOSTA DE EDUCAÇÃO

Célia Maria Rey de Carvalho⁴ comenta que "frente a essa postura e a outras necessidades do movimento, o Departamento de Educação da USE, com a colaboração da educadora Adalgisa de Campos Balieiro, de Ribeirão Preto, começou um trabalho junto aos educadores espíritas que atuavam nas redes pública e privada de ensino, com a finalidade de que estes trabalhassem nos lugares em que atuavam, embasados em uma proposta espírita de educação. Pretende-se que o professor tenha sua prática pedagógica voltada para o aluno que é visto como um ser integral, composto por Espírito, perispírito e matéria e que é um ser em processo evolutivo. Apesar desses conceitos parecerem óbvios dentro do movimento espírita, até então não haviam sido abordados sob a ótica da educação integral. Neste trabalho, desenvolveu-se estudo sobre as potências da alma: vontade, pensamento e sentimento; e como estas potências se manifestam no corpo físico, nas fases do desenvolvimento humano e no relacionamento entre os

seres humanos. Além disso foi utilizada a arte como forma de manifestação dessa potencialidade, o currículo escolar a ser elaborado de acordo com estes princípios e o trabalho propriamente dito dentro da sala de aula com os alunos. Esta proposta é reflexão espírita sobre os pensamentos de Piaget e de Vygotsky, com fundamento nas obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel De-lanne e Antonio J. Freire. A partir destes estudos, vários professores espíritas, começaram a mudar sua prática pedagógica. O resultado não demorou a aparecer numa acentuada melhora no aprendizado, no interesse dos alunos, no desenvolvimento das atividades programadas no plano de curso, a ponto de os outros professores indagarem o que esses professores estavam fazendo para que houvesse uma mudança tão significativa no processo de ensino-aprendizagem”.

Depois de analisar esses fatos conclui: "É nossa postura que o ensino de Espiritismo deve ficar a cargo das Sociedades Espíritas, dentro das aulas para crianças e jovens, cursos sobre as Obras Básicas da Codificação, cursos de preparação de expositores, atividades e cursos que orientem as famílias, nas reuniões de Evangelho no lar, ou quando achar conveniente. Que o Departamento de Educação da USE continue o trabalho iniciado com educadores espíritas, pois esse é o caminho para uma renovação e atualização da prática pedagógica visando a educação do ser integral rumo à sua evolução

O BRASIL DO SÉCULO XX

Com a abolição da escravatura, o Brasil se abriu para correntes imigratórias, inclusive para substituição de mão de obra. Assim, as famílias dos italianos, dos povos provenientes da Europa anglo-saxônica e russa, do Oriente Médio e do Extremo Oriente, trouxeram consigo tradições familiares bem diferenciadas do chamado mundo latino⁴.

Falar de família no Brasil é assunto complexo, pois depende de fatores sócio-econômico-culturais das várias regiões e, além disto, de eventuais traços culturais preponderantes de países de origem de imigrantes.

Desde o final do século XIX há um movimento da sociedade brasileira em busca de educação, de demanda pela qualificação de mão de obra e para o desenvolvimento científico. Após a 2^a- Guerra desenvolveu-se uma sociedade urbana e de massa, com anseio da classe média pela localização em cidades maiores e pelo prestígio profissional advindos de cursos superiores, que os filhos deveriam frequentar.

Aliás, em projeto de que participamos, para se analisar o perfil sócio-econômico-cultural dos vestibulandos ingressantes na USP, constatou-se que a influência da instrução dos pais tem caráter mais seletivo que a escola cursada no 2^o grau e do que a escala social. Detectou-se que a instrução da mãe parece ter papel ainda mais direto na escolha da carreira dos filhos. Este dado recente ressalta a influência do valor cultural do lar¹¹.

O censo demográfico de **1991** mostra o aumento de mulheres como chefes de família, atingindo mais de **20%** no Estado do Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Esta transformação chama a atenção não apenas para as separações conjugais, mas para a maior participação da mulher no mercado de trabalho. Aliás, a presença feminina no mercado de trabalho cresceu **70%** entre as décadas de **70 e 90**. A este fato, deve-se acrescentar que, atualmente, é comum os dois cônjuges somarem rendas para o sustento do lar, o que altera a tradicional rotina doméstica do passado. A família não é mais um núcleo coeso, como no passado, pois a mulher trabalha fora e os filhos trabalham e ganham independência.

Por outro lado, em pesquisa internacional, os jovens brasileiros, entre **15 e 18** anos, mostraram-se preocupados em fazer faculdade (**64%**), em despertar orgulho na família (**61%**) e que os pais estão entre as pessoas em que mais confiam (**64%**)¹⁰.

O instituto de pesquisa *Vox Populi* realizou, no final de **1995**, uma extensa investigação sobre como o brasileiro se enxerga e vê o próprio país⁹. Descobriu que os valores dessa sociedade passam por transformações. Na pesquisa, mais da metade dos entrevistados não se orgulha da colonização portuguesa. É sabido que o português veio para o Brasil com projetos individuais de enriquecimento. Diferente da colonização britânica que pretendia formar uma coletividade na América do Norte.

O trabalho que, no passado, era sacrifício para escravos e, depois, visto como "ocupação para pobretões", agora é uma questão de ética. Na década de **30**, os sambistas consagravam a malandragem em suas canções. O malandro foi o grande manejaador do "jeitinho brasileiro". Hoje, procura-se também superar as figuras de Ma-cunáima e de Jeca Tatu que foram, respectivamente, símbolos da preguiça e do atraso.

O país não é mais um "fazendão" e transformou-se em um dos maiores países industrializados do mundo. Desde o início dos anos **90**, a população urbana superou em muito a população rural, o que cria outros problemas sérios.

A questão "o grupo de pessoas que lhe inspira maior confiança" apresenta, pela ordem: parentes - **55%**; líderes de sua religião - **48%**. Em pesquisa citada com jovens de **26** países, inclusive no Brasil, revela que a religião está em baixa, mas o esoterismo está em alta. Nos resultados da *Vox Populi* sobre as personalidades que deram felicidade ou alegria aos brasileiros, aparecem em 1º- lugar empatados Pelé e Ayrton Senna, com **96%**. Em 17º- está Chico Xavier com **66%**.

* * *

Em geral, pode-se dizer que os laços de família passam por momentos difíceis, da passagem do período de relacionamento autoritário para uma maior compreensão e respeito do outro como pessoa. Ao longo do tempo, das faixas de parentesco por afinidade, houve a definição mais clara da família nuclear e já se evolui para a concepção de visão sistêmica da família.

As influências culturais e, para nós, reencarnatórias interagem com o cenário

atual. Daí, não podemos olvidar a trajetória que rapidamente delineamos. Na sociedade, no lar, no movimento espírita, evidentemente, que poderão estar presentes reações que evocam posturas educacionais, políticas e ético-morais típicas de outras épocas.

Para nós, espíritas, o familiar deve ser encarado como espírito imortal e livre. Assim, imbricado com os aspectos históricos e sócio-culturais, deve-se considerar o princípio das vidas sucessivas. Com a reencarnação, a visão dos cenários familiares se altera profundamente, pois entram em jogo os prévios relacionamentos interpessoais. Allan Kardec discorre sobre a amplitude das parentelas corporal e espiritual⁶. Desta maneira, embora uma família esteja na sua 3^a ou 5^a geração em um novo país, alguns de seus membros poderão estar se reencarnando pela primeira vez no país, trazendo vívidas lembranças e predisposições de outros países e de outros tempos.

Tais observações, somadas ao fato do quase generalizado desamparo das religiões tradicionais às rotinas e necessidades familiares, a ponto do sociólogo Mirim Vieira¹¹ afirmar que elas "não estariam funcionando como estruturadoras da família porque prestam serviços rituais nos quais ninguém mais acredita", pois elas estão fixadas em "ritos dogmáticos e pré-estabelecidos", robustecem propostas sobre a necessidade da sociedade civil se organizar para revigorar a família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - JH ARIÈS, P. - História social da criança e da família. (Trad. D. Flaksman), 2^a ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1981.

2 - Autores Diversos - Família e espiritismo, 4^a edição, São Paulo, Edições USE, 1994, p. 11-22.

3 - CAMPBELL, J. - O poder do mito (Trad. Moisés, C.F.), São Paulo, Editora Palas Athena, 1992, cap. VI.

4 - CARVALHO, Célia Maria R. - Pressões pelo ensino religioso. Dirigente Espírita, Ano 6, set.-out. 1995, p. 3.

5 - KARDEC, A. - O livro dos espíritos. (Trad. Ribeiro, G.). Rio de Janeiro, Ed. FEB/USE, questões 197-199, 204, 205, 208, 379-385, 82, 773-775, 817-822, 1985.

6 - _____ - O evangelho segundo o espiritismo. (Trad. Ribeiro, G.). Rio de Janeiro, FEB, caps. XIV, XXII e XXIII, 1980.

7 - LOPES, L. - Pestalozzi e a educação contemporânea. Duque de Caxias, Associação Fluminense de Ensino, 1981.

8 - MURARO, Rosa M. - A mulher no terceiro milênio. Rio de Janeiro. Ed. Rosa dos Ventos, 1992.

9 - O brasileiro segundo ele mesmo. Veja, ano 29, 10/1/96, p. 48-57.

10 - O planeta teen. Veja, ano 28, 19/4/95, p. 106-113.

11 - PERRI DE CARVALHO, A.C. - Visão histórica sobre laços de família. In: FRANCO, D.P., Autores Diversos - Laços de família, 1^a edição, São Paulo,

Edições USE, 1994. p. 83-93.

12- PRIORE, Mary Del - Ao sul do corpo, 1ª edição, Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio Ed./Edunb, 1993.

13- RIBEIRO, M.L.S. - História da educação brasileira, 8ª ed., São Paulo, Cortez - Autores Associados, 1988.

14- WANTUIL, Z. & THIESEN, F. - Allan Kardec (Voll), Rio de Janeiro, FEB, 1979.

2.3 BRASIL - PÁTRIA DO EVANGELHO?

O título da obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de Irmão X, com o encaminhamento do raciocínio para a destinação histórica do país, vez por outra, provoca questionamentos. Afinal, desde a expressão do ex-presidente francês Charles De Gaulle sobre a não seriedade do nosso país, até os momentos em que nos encaminhávamos para ser potência militar, e os cenários atuais de explosão de violências, aguçam preocupações. País subdesenvolvido em vários parâmetros, eufemisticamente chamado de "em desenvolvimento" por outros ou ainda caracterizado, pelo presidente-sociólogo, como mais socialmente injusto do que propriamente subdesenvolvido.

O conhecido "jeitinho brasileiro", em alguns aspectos, pode ser causa de uma certa flacidez moral e legal. Há várias obras que analisam os reflexos da amalgamação racial básica indígena-negra-portuguesa, somada ainda à influência da Igreja Católica do período inquisitorial, sob o jugo educacional-salvacionista dos jesuítas. Estes fatores interagem na constituição da própria família brasileira

Na portentosa obra "O povo brasileiro"², o intelectual e político Darcy Ribeiro, principalmente como antropólogo, analisa o processo civilizatório brasileiro. Entra a fundo nos estudos sobre as primeiras relações entre indígenas e portugueses e logo depois com os negros. Assentado em vastíssima bibliografia, vêm à tona dados que costumeiramente não estão sintetizados na chamada história oficial. Aspectos sobre a formação dos nordestinos, dos paulistas e dos gaúchos, por exemplo, deixam claro as grandes diferenças regionais. Enfim, o livro é riquíssimo de informações para que entendamos o nosso povo no tocante às suas reações políticas, valorização do trabalho, hábitos familiares e todo o contexto social.

No entanto, no final da obra, Darcy Ribeiro confronta o Brasil com os povos contemporâneos das Américas. De um lado coloca os "povos transplantados" que *"tão-só reproduzem humanidades e paisagens européias"*. Cita exemplos: *"Os Estados Unidos da América e o Canadá são de fato mais parecidos e mais aparentados com a África do Sul branca e com a Austrália do que conosco"*. Face ao grande contingente de imigrantes europeus com relação aos descendentes de

hispânicos, o autor enquadra a Argentina e o Uruguai no critério de transplantados.

Analisa a absorção dos imigrantes chegados ao Brasil a partir do século XIX e comenta que *"somos um povo em ser"...* - *"Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado"*. Nas suas conclusões, Darcy Ribeiro raciocina que *"alguns soldados romanos, acampados na península Ibérica, ali latinizaram os povos pré-lusitanos. O fizeram tão firmemente que seus filhos mantiveram a latinidade e a cara, resistindo a séculos de opressão de invasores. Depois de 2 mil anos nesse esforço, saltaram o mar-oceano e vieram ter no Brasil para plasmar a neo-romanidade que nós somos"*. Ou seja, o autor considera que *"somos a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical"*.

Assim, Darcy Ribeiro considera que nas Américas há nações que são meros transplantados da Europa — *"não apresentam novidade alguma neste mundo"* e, no amplo contexto de seu estudo, lembra que o Brasil já é a maior das nações neolatinas e faz observações extremamente interessantes: *"E de assinalar que, apesar dos feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente na Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. Não abrigam nenhum contingente reivindicativo de autonomia, nem se apegam a nenhum passado. Estamos abertos é para o futuro "*. O conhecido intelectual encerra seu livro com a frase de que a nação brasileira é *"mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra"*.

Em que pesem os cenários até sombrios que já atravessamos, a leitura dos estudos de Darcy Ribeiro mais uma vez nos remete ao livro de Irmão X, psicografado por Francisco Cândido Xavier. A propósito, é extremamente oportuna a opinião do próprio Chico Xavier, depois de mais de meio século da publicação do livro citado. Durante visita ao Centro Espírita Perseverança, em São Paulo, em dezembro de 1992, declarou em entrevista, entre outras: *"Somos de verdade, geograficamente falando, o coração do mundo. Como filhos da pátria do Evangelho, somos chamados a exemplificar o que aprendemos, o que ensinamos, o que constitui a razão de nossas vidas. (...) A violência que existe no Brasil é a violência que existe no mundo, mas como povo temos sabido honrar a destinação a que fomos chamados. (...) Quanto à conceituação de pátria do Evangelho, somos compelidos a pensar no futuro. Nós teremos talvez necessidade de exemplificar até com sacrifício do Evangelho ensinado por Jesus Cristo, sem nos esquecermos que, do ponto de vista evangélico, até ele foi atingido pelo sacrifício extremo, para dar-nos essa alvorada maravilhosa que é a doutrina de luz... "*¹³.

Aí estão estudos e observações do momento sobre a destinação do Brasil. No entanto, entendemos que esse papel será conseguido não com a mera repetição do "slogan" ou a visão mágica-salvacionista de nossos ancestrais. O

encaminhamento para o grande destino será conquistado com muito esforço de cidadania, inclusive com a participação dos espíritas, que não podem permanecer afeitos a ações intramuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - PERRI DE CARVALHO, A.C. - História da família. In: Autores diversos - A família, o espírito e o tempo, cap. 1, São Paulo, Edições USE, 1994.
- 2 — RIBEIRO, D. - O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- 3 - FRANZOLIM, I.R. - O Brasil é realmente o coração do mundo. Dirigente Espírita, ano 3, jan.-fev. 1993, p.5.

3 A FAMÍLIA E O ESPIRITISMO

3.1 A FAMÍLIA NO MUNDO ATUAL

Às vésperas do século XXI, aceleram-se as transformações políticas e sociais. Com instantaneidade acompanhamos o desenrolar do dinâmico cenário político mundial de nossos dias. Toma-se comum o relacionamento com pessoas de culturas, formações e religiões diversas. Os dogmas religiosos e o policiamento ideológico, que chegaram praticamente a dar unidade à sociedade ocidental, já são marcas do passado. O desaparecimento da guerra fria e das barreiras entre os mundos capitalistas e comunistas, é seguido de vultosas integrações continentais. O cidadão do novo século, à vista dos imperativos da tecnologia, da globalização e do conhecimento ampliado e disseminado, deverá ser um cidadão do mundo.

Às antigas influências da colonização portuguesa e da miscigenação com índios e negros, no caso paulista, a partir do final do século passado, somaram-se a dos imigrantes europeus e dos asiáticos, principal e respectivamente, italianos e japoneses. Em meados deste século houve acentuada imigração de compatriotas vindos de Estados nordestinos. São Paulo é um amálgama de raças, tradições e culturas.

A partir dos anos 60, vive-se fase da chamada "liberação do sexo", de disseminação de métodos anticoncepcionais e, mais recentemente, do aparecimento da AIDS.

Há pouco, o censo de 1991 revelou maior participação da mulher como chefe de família e no mercado de trabalho. Estes fatos alteram a rotina do lar tradicional e

da chamada família nuclear. Embora ocorra aumento do nível de escolaridade, em geral, a remuneração de um único membro da família não atende às expectativas e necessidades criadas pela vida moderna.

O desenvolvimento econômico e cultural tem intensa relação das Sociedades Espíritas, e o momento que vivemos pouco ou nada tem haver com a fase em que foram inauguradas as Sociedades Espíritas de 20 ou de 90 anos atrás. As condições da sociedade e particularmente das famílias da atualidade são muito distintas da época de nossos pioneiros. Assim, impõe-se a adequação das Sociedades e do movimento espírita às situações da vida moderna, inclusive das disponibilidades dos colaboradores e dirigentes. As mudanças sobre a chefia do lar e a necessidade dos cônjuges trabalharem para o sustento da família são fatos relevantes em nossos dias. Além desses aspectos, deve-se considerar que a vida religiosa é intimamente ligada à família e não apenas ao Centro ou às atividades assistenciais. O familiar é nosso próximo mais próximo.

Simultaneamente, às dificuldades da família atual, inclusive, resultantes de um escancaramento de realidades e de diversidades - numa sociedade que passa por profundas e rápidas transformações - há progressos significativos. Pode-se dizer que a família autoritária trans- forma-se em mais compreensiva. O Espiritismo, como religião humanista, pode colaborar para a formação da família em clima democrático e participativo. Kardec destaca a importância dos laços de família para o fortalecimento dos laços sociais, caminho natural para se corrigirem os ímpetos do individualismo. A colaboração para a melhoria da sociedade se faz com interação. A família participa de um sistema, num contínuo processo de interação e com permanente transação com o meio. Como a sociedade se assenta em relações interpessoais, as relações de "co-operação" e de reciprocidade, são estímulos à consolidação do mundo democrático. O conhecimento da Doutrina Espírita, notadamente da reencarnação, robustece o entendimento da família sistêmica. O ambiente da família é de fundamental importância para a efetiva colaboração com o movimento espírita e com a sociedade em geral.

3.2 A FAMÍLIA DOS ESPÍRITAS

A intensificação das atividades do Centro Espírita, via de regra, sobrecarrega alguns dirigentes e colaboradores diretos. O entusiasmo, a dedicação e a necessidade do atendimento dos compromissos institucionais geram envolvimento com as múltiplas ações que, pela própria natureza do trabalho não profissional, concentram-se nos períodos noturnos e nos finais de semana. No calor dos afazeres, envolve-se em uma rotina que cria sucessivas ocupações fora do ambiente doméstico.

Além desse envolvimento entusiástico, há outro, pois, à guisa de se minorarem sofrimentos alheios, a chamada prática da caridade passa a ser prioridade à própria vivência familiar. Aparecem também exageros na linha da interpretação

apressada do que significaria *"quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?"* ¹³

Face a esses cenários, não é raro encontrarem-se excelentes e dedicados dirigentes e colaboradores distanciados do convívio familiar.

Seria crível que a benfeitoria dedicação ao próximo garantiria o mérito e/ou proteção espiritual que substituiria o afeto, o diálogo e a orientação dentro do lar? No contexto em que vivemos, o lar dos dirigentes gozaria de algum privilégio, derrogando leis naturais e sociais? Na realidade, estes têm as mesmas dificuldades e limitações próprias do homem de nosso mundo.

Desde Kardec a literatura espírita esclarece que a parentela corporal é um dos compromissos do Espírito reencarnado, mesmo que ela não represente a chamada parentela espiritual. Isto posto, o escapismo e outras reações humanas, ainda que envoltos na melhor das boas intenções de amor ao próximo não isenta ninguém dos compromissos com o próximo mais próximo.

O apoio aos necessitados externos, sem dúvida não deve comprometer a atenção que se deve dispensar àqueles necessitados de uma rica interação sob o mesmo teto. Certa feita, soube do comentário de um líder idoso e doente: *"A esta altura, trocaria minha obra por uma família..."*

Durante o seminário de lançamento da Campanha "Viver em Família" para o Estado de São Paulo, esse assunto compareceu em várias exposições². Em entrevista, Divaldo P. Franco afirmou: *"...conhecemos espiritistas que, depois de se afeiçoarem à Doutrina, abandonaram a família, ficando no Centro Espírita, salvando a família dos outros, enquanto perdem aquela com a qual têm um compromisso imediato. Isto é, também, um desequilíbrio. Deveremos amar o próximo mais próximo de nós, os filhos, o cônjuge"*. Em apresentação feita pelo casal Dagmar e Altivo Ferreira¹, o equilíbrio da vida conjugal foi abordado com referências ao ângulo reto, feita por André Luiz em "Nosso Lar" (cap. Noções de Lar). A partir de variações sobre a intersecção das retas feminina e masculina, o ângulo obtuso seria constituído por uma das retas (masculina ou feminina) fora de posição, abrindo o ângulo à vista de um dos cônjuges manter-se física, emocional ou moralmente afastado do lar.

A vivência continuada das questões familiares não só enriquece a experiência reencarnatória como propicia o real entendimento da problemática humana. Assim, o conselho e/ou exemplo de vida terão a força da experiência haurida nas lutas naturais do relacionamento interpessoal do ambiente familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - FERREIRA, Dagmar F.; FERREIRA, A. - Vida conjugal. In: FRANCO, D.P./Autores diversos - Laços de família, São Paulo, Ed. USE, 1994, p. 100-110.
- 2 - FRANCO, D.P. - Obra citada, p. 38-40.
- 3 - MATEUS, XII:48 - Novo testamento.

3.3 O LAR E A SOCIEDADE

Na literatura espírita há clareza de que a família é a unidade básica da sociedade. Daí a afirmação de Emmanuel: *"o lar é a melhor escola"*². Justamente no diapasão de escola inicial de vida para o ser reencarnante e de exportador de caracteres para a sociedade, que se deve ponderar sobre as relações entre educação e vivência no lar com as futuras atuações no movimento espírita e na sociedade em geral.

Essas são ações políticas, e todos somos seres políticos. As afirmações muito difundidas: "não sou político" ou, "aqui não entra política" não são corretas. Sempre há uma forma de política que poderá ser a da alienação ou uma conduta popularmente mascarada de "apolítica", mas que, no fundo, poderá ser uma conduta centralizadora e/ou autoritária. Poderemos não adotar uma política partidária, mas em tudo o que fazemos, agimos sob uma inspiração política que poderá ser invasiva ou alienante, centralizadora ou participativa, autoritária ou democrática. Tais comportamentos ocorrem na intimidade do lar, nas atividades profissionais, na administração de sociedades espíritas e no exercício de cargos públicos.

Assim, é no lar e no convívio familiar que se preparam administradores para os diversos níveis de atuação.

Daí a oportunidade de considerações de "O Livro dos Espíritos": *"Os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família estreitam os laços sociais"* H

Desde o lar, deve-se conscientizar para a interação social em condições participativas no movimento espírita e nas atuações profissionais e sociais. As pessoas não podem ser unidades sociais, mantedoras do *status quo*, mas preparadas para atuarem como indivíduos que poderão modificar padrões culturais. Isto se inicia com a convivência salutar e o cultivo de valores ético-morais, que se expressam pelo respeito ao outro, como pessoa e como Espírito, logicamente imortal e reencarnado. As bases para a ética na política estão muito relacionadas com os lares e os processos culturais e religiosos. A política e os políticos não devem ser genericamente arrolados como maus ou corruptos. Só a participação esclarecida é que renovará o quadro político. A alienação não traz contribuições e nem soluções. O aparecimento de escândalos é sinal de que eles vêm à tona e há liberdade para tal. O aperfeiçoamento da democracia depende dos políticos e, basicamente, do povo. Que o povo tenha lares bem estruturados!

Nos processos eleitorais, os lares têm papel importante, mesmo porque os jovens de **16** anos já podem ser eleitores. Os candidatos devem ser selecionados pelas suas ações passadas e presentes, pelas suas propostas, incluindo linhas partidárias. Nesta análise, são válidos desde os aspectos da vivência familiar até a compatibilização ético-moral com projetos claros e atuais. Sobre isto, as "Leis

morais" de "O Livro dos Espíritos" oferecem parâmetros significativos.

Para avaliação dos fatos políticos e até para a seleção de candidatos, o conhecimento espiritual e espírita é relevante e pode contribuir com os processos de escolha e de transformação. Em nota de rodapé, Allan Kardec já comentava a questão **930** de "O Livro dos Espíritos": *"Quando o homem praticar a lei de Deus, terá uma nova ordem social fundada sobre a justiça e a solidariedade, e ele mesmo também será melhor"*¹.

Essa análise se enquadra no apelo da ONU, ao promover o "Ano Internacional da Família", em **1994**, de *"contribuir para construir a família, a menor democracia no coração da sociedade"*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - KARDEC, A. - O livro dos espíritos, Rio de Janeiro, Ed. FEB, questões 774 e 930.

2 - XAVIER, F.C./EMMANUEL - O consolador, Rio de Janeiro, Ed.FEB, questão 110.

4 EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA

4.1 OS CENTROS ESPÍRITAS

Em **1857**, no apartamento do Prof. Rivail, à rua dos Mártires, em Paris, nasceu a reunião que originou a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (**1858**). Depois de passar pelo Palais Royal, a Sociedade funcionou a partir de **1860** outra vez na residência do casal, na Passage de Saint-Anne^(.). Enlevamo-nos com a leitura de obra de Canuto Abreu¹, postumamente publicada, imaginando cenas da época. Baseado em dados históricos, o autor discorre de forma livre e romancada sobre o que teria sido o dia **18/4/1857** - lançamento de "O Livro dos Espíritos". O cenário é o lar do casal Rivail, modesto apartamento de fundos do **2º**- andar do prédio número **8** da rua dos Mártires. Amigos do casal estariam se regozijando com o lançamento da obra inaugural da Doutrina Espírita - "o trabalho mais importante de minha vida pelo enorme benefício que, certamente, espalhará" ("Memórias" do Prof. Rivail). Madame Rivail, naquele sarau, ostentava as vestes e as jóias que recebera do marido na recente "bodas de prata". Seu lar embalou o nascimento do Espiritismo!

A **17** de setembro de **1865** nascia a primeira sociedade espírita brasileira. Surgiu na cidade de Salvador (Bahia), com o Grupo Familiar de Espiritismo, fundado por Luiz Olímpio Teles de Menezes. Tinha por objetivo orientar a propaganda e a incentivar a criação de outras sociedades semelhantes pelo resto do país. Teve vida efêmera.

Alguns anos depois, as poucas Sociedades Espíritas que funcionavam na cidade do Rio de Janeiro se dividiam em grupos "místicos" e "científicos". Algumas subsistiram e estão em atividades até a atualidade. Temos notícias de várias outras Sociedades que funcionam desde o final do século XIX no Estado de São Paulo e no Estado de Santa Catarina.

Todavia, as sociedades passaram a ter mais estabilidade com a circulação da revista "Reformador" e a fundação da FEB, e esta editando as obras de Kardec e de Denis. O caráter unificacionista da FEB ficou melhor caracterizado em **1949**, com o "Pacto Áureo". Anos depois surgiram os simpósios regionais, as reuniões zonais e, mais recentemente, as comissões regionais do Conselho Federativo Nacional. Dentro do diapasão unificacionista foram elaborados coletivamente documentos marcantes como o "Orientação ao Centro Espírita" e depois o reforço aos cursos com o "Estudo Sistematizado de Doutrina Espírita". Esta já era uma experiência vivida por São Paulo e outros Estados sulinos, considerando-se experiências pioneiras de Edgard Armond, na Feesp, de "Atividades Doutrinárias" da USE-SP e do Centro de Orientação e Educação Mediúnica, de Curitiba.

Pela USE-S.Paulo surgiu a "Carta aos Centros Espíritas" (**1975**). Muitas experiências evoluíram neste íterim, porém temos certeza que o tema central - "Dimensão Cósmica do Centro Espírita" do **8º** Congresso Estadual de Espiritismo, promovido pela USE em **1992** e seus Anais estimularam o repensar dos Centros Espíritas. Desde então, temos defendido a idéia da elaboração de uma espécie de "projeto pedagógico" para o Centro Espírita. Isto nada mais é do que um planejamento, desde a análise das demandas e da realidade em que a instituição está inserida, até a avaliação e retro-alimentação das ações. Assim, seria possível a implementação de atividades integradoras e a visão sistêmica dos Centros. Neste contexto, a visão global das sociedades, evidentemente, deverá ser a do respeito à diversidade de experiências. O módulo "Centro Espírita" dentro do tema central "O Espiritismo no pensamento e na ação" no **9º** Congresso Estadual de Espiritismo da USE, em São Paulo, foi um autêntico mini-curso sobre o tema. Os eventos citados, o Congresso Espírita do Estado de Goiás, o Iº Congresso Espírita Mundial promovido pelo Conselho Espírita Internacional e realizado pela FEB, com o tema "O Centro Espírita - unidade fundamental do movimento espírita", efetivados também em **1995**, devem ser valorizados para se estimular o intercâmbio e a atualização.

INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS

Há inúmeras instituições que mantêm atividades especializadas como escolas e hospitais e algumas associações. É o caso da Amesp - Associação Médico-Espírita de São Paulo, voltada para reuniões e estudos a propósito das relações entre Espiritismo e medicina. A Amesp tem promovido congressos, os Mednesp, efetivado publicações e, estimulado a criação de associações idênticas em cidades

e outras de caráter estadual. Recentemente, em consequência, surgiu a Associação Médico-Espírita de abrangência nacional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1 - Canuto Abreu, S. - O livro dos espíritos e sua tradição histórica e lendária, São Paulo, Ed. Lar da Família Universal, 1992.

4.2 SERVIÇO ASSISTENCIAL E COMUNIDADE

Inicialmente, toma-se interessante a lembrança de uma outra nuance do trabalho de Allan Kardec. Ele atuava não só na elaboração dos livros, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas também em viagens para divulgação das idéias espíritas. Atendendo a sugestão do Espírito Sanson, ocorrida durante reunião na Sociedade citada, em 27 de dezembro de 1862: *"Meus bons amigos, quando o frio chegou e tudo faltava em casa dessa brava gente, porque não viria eu, vosso antigo condiscípulo, vos lembrar a palavra de ordem, a palavra caridade? Dai tudo quanto pode dar o coração, em palavras, em consolo, em cuidados. =&..sede todo amor, todo caridade-*, o Codificador realizou um trabalho em favor dos operários de Rouen e noticiou-o na "Revista Espírita" (janeiro e abril, 1863). Ao mesmo tempo, Kardec elaborava o "Projeto de Comunidade Espírita"⁴.

Fica claro que a primeira Sociedade Espírita do mundo se preocupava com estudos, difusão das idéias espíritas, coleta de observações, aproximação com outras Sociedades unidas pelos laço moral e também com a atuação junto à comunidade.

INFLUÊNCIAS DE LÍDERES PIONEIROS

Tempos depois, no final do século XIX, já se lutava pela estruturação do movimento espírita na então capital brasileira, Rio de Janeiro. Entre as querelas dos grupos nascentes, começava a se destacar, no movimento espírita brasileiro, o dr. Adolfo Bezerra de Menezes, com vasta folha de serviços prestados à comunidade como médico e político, inclusive já cognominado "médico dos pobres". Assumiu a presidência da Federação Espírita Brasileira em duas oportunidades. A situação era difícil. Todavia, Bezerra consolidou a FEB, fortaleceu as reuniões de estudo e deu força à "Assistência aos Necessitados".

Contemporânea a Bezerra de Menezes, Anália Franco iniciava um vasto trabalho de atendimento a ex-escravos e crianças órfas na capital paulista e no interior, como educadora e espírita. Sob sua inspiração e assistência surgiram obras voltadas a crianças em diversas cidades paulistas.

Nos primeiros anos do século XX, firmou-se a liderança de Eurípedes Barsanulfo. O trabalho que realizou em Sacramento (MG), como professor e médium, envolvia a assistência material, moral e espiritual à comunidade local e regional. O Colégio Allan Kardec, que fundou, formou vários futuros líderes, que atuaram como autênticos "multiplicadores". Exerceu acentuada influência no Triângulo Mineiro, na região Mogiana do Estado de São Paulo, e em rincões distantes. Ficou consagrado como o "apóstolo da caridade".

À mesma época, em Matão (SP), Cairbar Schutel iniciava sua atuação como espírita, depois de ter sido o primeiro prefeito da cidade. Veio a ser chamado "pai da pobreza". Cairbar desenvolveu também uma ação notável no campo da divulgação do Espiritismo ao fundar órgãos como "O Clarim" (1905) e a "Revista Internacional de Espiritismo" (1925).

Contemporânea a Schutel, Benedita Fernandes iniciou um trabalho assistencial pioneiro em Araçatuba (SP) no final da década de 20, oficializando-o com a fundação da Associação das Senhoras Cristãs (1932). Com a obra nasceu um Sanatório - um dos marcos na história dos Hospitais Psiquiátricos Espíritas -. Negra e semi-analfabeta, Benedita Fernandes conquistou o respeito da população e das autoridades. Certa feita, em visita a Araçatuba, o Governador Fernando Costa quebrou o protocolo e se antecipou para recepcioná-la.

Há milhares de exemplos de lideranças nobilitantes pelo país. Admitimos que essas figuras marcantes sejam suficientes para o desenvolvimento de nosso raciocínio. Face às naturais dificuldades e limitações da época, a atuação de líderes, como Bezerra de Menezes, Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, Benedita Fernandes, chegou muito perto do povo pela ação assistencial aliada à mensagem doutrinária. Assim, a atuação com os carenciados serviu de inspiração para a fim-dação e para a orientação de trabalho de inúmeras Sociedades Espíritas.

Esses traços das Sociedades Espíritas foram identificados inclusive por estrangeiros. No ano de 1941, Gabriel Gobron anotou em "Le Fratémiste", após visitar nosso país: *"...à frente do mundo no tocante à organização espírita de assistência pública vem o Brasil. Não há Centros Espíritas que não tenham ou não cuidem de ter uma assistência aos necessitados... — O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação... — e o Brasil e seus espíritas são pobres!"*⁴.

A EXPANSÃO ASSISTENCIAL

A esse tempo firmava-se a atuação de Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo (MG), como médium psicógrafo e como expressão da bondade e de dedicação ao próximo. Sua maneira de ser e o devotamento ao próximo, a Comunhão Espírita Cristã (já em Uberaba) e atividades como as sopas, as distribuições de gêneros alimentícios e roupas, as "peregrinações" por bairros carenciados, transformaram-se em modelo para as instituições espíritas.

Nesse ínterim nasceram a "Legião da Boa Vontade", de início muito ligada aos espíritas, e muitas iniciativas dentro do movimento espírita muito voltadas à assistência social como a "Oscal"(Organização Social Espírita André Luiz), caravanas "Auta de Souza", campanhas para a "cidade da fraternidade", etc.

Entre as décadas de 50 e parte de 70, houve rápida expansão das atividades assistenciais mantidas pelos espíritas. Multiplicaram-se os lares, casas da sopa e, entre outras modalidades, algumas escolas e hospitais psiquiátricos. Nesse período algumas obras tomaram-se referências, como a "Casa Transitória", mantida pela Feesp, na capital paulista, uma obra assistencial diversificada e abrangente. A "Mansão do Caminho", liderada por Di- valdo Pereira Franco, em Salvador, inovou com o sistema de lares, com "tias" responsáveis por um grupo de crianças órfãs ou abandonadas. Embora já funcionasse há quase duas décadas, foi principalmente, nos anos 70 que esta instituição serviu de modelo a muitas outras. Posteriormente, ela sofreu adequações e diversificação de modalidades de atendimento a carenciados.

Nessa faixa de tempo, a Capemi(Caixa de Pecúlio dos Militares Espíritas) também apoiou e interagiu com instituições espíritas de atendimento a crianças em todas as regiões do país.

Nos anos 70, muitas das instituições de assistência ou de internamento de crianças, começaram a ser adaptadas em creches. No início daquela década, o governador Laudo Natel deu preferência à rede de hospitais psiquiátricos espíritas do Estado de São Paulo para a redistribuição de doentes crônicos que superlotavam o complexo hospitalar do Juqueri.

Por essa época, uma "brasilianista" americana dra. Ann Tiller⁵ realizou estudos sobre os cultos mediúnicos no Brasil. Anotou que os "kardecistas", referindo-se ao "Espiritismo importado da França", mantém uma vasta rede de assistência social, citando especificamente o grande número de hospitais psiquiátricos, não deixando de comentar que necessariamente os médicos não são espíritas...

O fato é que a característica marcante dos espíritas - de empenho e dedicação pelas obras assistenciais - foi responsável pela mudança das reações do povo e das autoridades com relação ao movimento espírita. O panorama de receio e preconceito, foi se alterando para o respeito e consideração. Pelo menos reconhecendo-se que os espíritas trabalham e fazem algo pelo próximo. A este respeito, há registros de depoimentos significativos de todas as regiões.

Por outro lado, a proliferação de ações assistenciais, talvez, sem um planejamento global da instituição, ou, em alguns casos, desvinculadas do Centro - célula básica do movimento espírita -, atendendo aos clamores do coração, com o máximo de boa vontade e de boa intenção, ou até a caprichos pessoais, gerou situações que oscilaram do impasse, às adaptações cabíveis até, em alguns casos, ao comprometimento da instituição ou do movimento espírita de uma cidade como um todo. Há circunstâncias em que a assistência social transformou- se em

finalidade maior ou até exclusiva de uma instituição espírita, ocupando no mister lideranças que passaram a fazer falta em tarefas fundamentais do Centro e do movimento espírita.

À vista das mudanças dos panoramas econômico-financeiros e governamentais do país, as dificuldades comprometeram muitas instituições beneficentes. Assim, a partir dos anos 80, umas se adaptaram, outras se transformaram em instituições complicadas. Remanescentes dessa fase, há casos de grandes estruturas físicas mal aproveitadas e de manutenção dispendiosa. Em algumas cidades, verificamos que o movimento espírita chegou a ser comprometido em sua expressividade e potencial doutrinário.

A propósito, é muito oportuna a releitura dos relatos de Emmanuel em "Paulo e Estêvão"⁶, quando focaliza os albores da Casa do Caminho, nos arredores de Jerusalém, em tomo de questões como: *"a assistência aos pobres não dava tréguas ao labor das idéias evangélicas..."*

No entanto, inquestionavelmente, há exemplos marcantes e nobilitantes propiciados pelo serviço assistencial prestado pelos espíritas. Em função deste fato, o sociólogo Herbert de Souza - o Betinho quando começou a implementar a campanha contra a fome em 1994 declarou à imprensa sobre sua surpresa como militante político de esquerda de que encontrou ressonância entre os "espíritas kardecistas" para as atuações concretas junto aos necessitados.

Além das conhecidas e atualizadas opções de serviço assistencial, em nossos dias, há outras formas de atuação social que apontam diversificação de caminhos para a atuação dos espíritas.

CRECHE PARA IDOSOS

Em Simpósio realizado pelo Conselho Estadual do Idoso e outros Órgãos, realizado na cidade de São Paulo, com a presença do Departamento de Serviço Assistencial da USE, entre as propostas discutidas, estava a do "Centro Dia" voltado ao trabalho com o idoso institucionalizado, isto é, uma espécie de creche, onde o idoso seria atendido durante o dia e, ao final deste, retomaria aos lares para a convivência familiar. O objetivo é o atendimento familiar ao idoso, no sentido de auxiliá-lo, lembrando que nenhuma instituição, por melhor que seja, substitui a família³.

ÓRGÃO DA USE ATUA COM A COMUNIDADE O jornal "Dirigente Espírita"² focalizou o trabalho de interação com a comunidade realizado pela USE Distrital do Tatuapé como integrante do Conselho Comunitário deste bairro da capital paulista. Desde 1991 a USE Distrital do Tatuapé vive uma experiência gratificante junto a comunidade do bairro. Integra o Conselho Comunitário do Tatuapé e vilas adjacentes, ao lado de instituições, como: OAB, Delegacia de Ensino, Lions, Rotary, Secretaria da Cultura, biblioteca pública, clube dos lojistas, administração regional, Senac, imprensa, Caixa Econômica Estadual,

Companhia de Engenharia do Trânsito e outros. Coincidentemente, é o bairro onde se localiza o Lar Beneficente Anália Franco. A "grande dama da educação brasileira" teve parte de sua vida e obra muito relacionada com o desenvolvimento do Tatuapé, em função da aquisição da então Chácara Paraíso. Pedro Abarca, autor de livro sobre o bairro de Tatuapé, destinou um capítulo a Anália Franco. A USE Distrital, participa ativamente da vida do bairro, de suas reivindicações, de seus movimentos culturais, festividades, campanhas, aproveitando para formar opinião e colocar a visão espírita sobre os problemas humanos. Além disto, especificamente, promove palestras, feiras do livro espírita e outros eventos, sempre divulgando o Espiritismo.

PASSEATA PELA PAZ

Em entrevista concedida durante o 9º- Congresso Estadual de Espiritismo (São Paulo, 1995), Divaldo Pereira Franco responde à questão "O que fazer com relação à violência?", relatando sobre um evento inédito relacionado com o Espiritismo: *"Em Feira de Santana (Bahia), por exemplo, o serviço social do Espiritismo está trabalhando as causas da violência. Há três anos realiza-se ali um projeto que tem o nosso nome e a Câmara de Vereadores, graças a este projeto, determinou que o último domingo do mês de março seja dedicado à paz. O projeto tem uma abrangência espírita: um seminário a respeito de um tema psicológico de conseqüências espiritistas; um encontro com dirigentes espíritas da comunidade e, às 16 horas, uma marcha pela paz. Silenciosamente, ou cantando músicas que tenham mensagens edificantes, atravessamos a avenida principal da cidade que fica interditada aos veículos. Conseguimos sensibilizar a sociedade feirense para despertar não contra a violência como diria Ghandi, mas a favor da paz. Neste ano, no dia 26 de março, a marcha da paz foi apoiada por vários segmentos da sociedade: escolas, Lions, Rotary, Maçonaria, Seicho-no-iê e um número expressivo de quase dez mil indivíduos. Culminou no Ginásio da cidade com uma conferência a respeito da paz. Recordamo-nos de Maha Gosonanda, o "Ghandi do Cambodja" e, estabelecendo como biótipo da paz, é essencial Jesus Cristo que é o modelo e guia da humanidade, conforme se referiram os Espíritos, na questão nº 625 de "O Livro dos Espíritos"*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - Anais do 9º Congresso Estadual de Espiritismo, São Paulo, Ed. USE, 1995, p.21-22.
- 2 - Órgão atua com a comunidade, Dirigente Espírita, ano 5, mai.-jun.1995,p.16
- 3 - Momento pede reflexão aos espíritas, Dirigente Espírita, ano 4, mai.-jun. 1994, p. 16
- 4 - PERRI DE CARVALHO, A.C. - Dama da Caridade, São

Paulo, Ed. Espírita Radhu, 2*- ed., 1987, pp. 15-20.

5 - TILLER, Ann Q. - The brazilian cult as a healing altemative.

J.Latin Amer. Lore, 5: 255-72, 1979.

6 - XAVIER, F.C./EMMANUEL - Paulo e Estêvão, Rio de Janeiro, Ed. FEB, p. 67.

- 62 -ESPIRITISMO E MODERNIDADE

4.3 A EXPANSÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA PAULISTA

No final do século XIX já se delineava o movimento espírita em terras paulistas. Deste período, a Associação Beneficente Anjo da Guarda, fundada no ano de 1883 em Santos, provavelmente seja a representante mais antiga e com funcionamento ininterrupto. Da mesma época, destaca-se o exemplo nobilitante do pioneiro Batuira que, em 1890, reorganizou em São Paulo o Grupo Espírita "Verdade e Luz" e fundou o jornal de mesmo nome.

Nos primeiros anos do século XX, Anália Franco fundou asilos e escolas na capital e no interior. Na cidade de Matão, Cairbar Schutel fundou em 1905 o Centro Espírita Amantes da Pobreza e o jornal "O Clarim". O ex-político, pioneiro espírita e "pai da pobreza" ainda lançou a "Revista Internacional de Espiritismo" (1925) e levou ao ar um dos primeiros programas radiofônicos espíritas, pela Rádio Cultura de Araraquara (1936). Além disto, os representantes de sua Casa Editora visitavam instituições e lideranças espíritas do interior, divulgando os periódicos e livros, não deixando de fazer também palestras doutrinárias. Schutel foi um pólo de sustentação e de disseminação do Espiritismo no Estado de São Paulo.

Simultaneamente, muitas ações pioneiras se espalharam pelo interior paulista, como a Associação das Senhoras Cristãs, fundada por Benedita Fernandes, em Araçatuba, no ano de 1932. Este foi um dos primeiros germens dos então "sanatórios" dedicados a doentes mentais.

Sem dúvida, houve rápida disseminação do Espiritismo pelo interior do Estado nas primeiras décadas. Cidades em formação já contavam com Centros Espíritas, fundados por colonos, funcionários, comerciantes e raros formados, deslocados para as novas regiões.

CENTROS NA FUNDAÇÃO DA USE

Dados do Iº Congresso Espírita do Estado de São Paulo — quando se fundou a USE, então "União Social Espírita" -, em 1947, revelam que 551 Centros Espíritas aderiram à nascente USE: 173 (31,39%) da capital e 378 (68,61%) do interior. Vale o registro dos "Anais"¹: de Bauru aderiram 20 Centros e de cidades, então

muitas novas, como Marília e Votuporanga houve a adesão, respectivamente, de **8 e 2** Centros Espíritas.

Historicamente, a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo está intimamente ligada a Congressos, inclusive, foi fundada em **1947**, durante o Iº-Congresso Estadual, convocado pela Feesp com o objetivo de definir a constituição de um órgão que unificasse as entidades federativas existentes e coordenasse o movimento espírita estadual. Nesta existência quase cinquentenária sucederam-se episódios em vários diapasões. Nos anos recentes, reascendeu-se o espírito de convivência construtiva e fraterna e, sem dúvida, culminaram com o **9º** Congresso Estadual da USE. A Comissão Organizadora integrada por representante da Feesp e o evento efetivado na nova sede da Feesp é manifestação cabal de uma nova era de entendimento e de consolidação da união entre os espíritas.

MOCIDADES ESPÍRITAS

Na área jovem, a capital paulista contava com a fundação por Romeu de Campos Vergai, em **1937**, da União da Mocidade Espírita de São Paulo, a qual foi responsável pela formação de atuantes líderes e expositores espíritas. Há registros de Mocidades Espíritas fundadas na mesma década na capital e no interior. Neste último foram iniciadas confraternizações jovens de abrangência regional, estadual e nacional, entre **1948 e 1967**. O Iº-Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil aconteceu de **17 a 27** de julho de **1948**, no Rio de Janeiro, sendo Leopoldo Machado o líder marcante. No mesmo ano, nasceu em Barretos (SP), a Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo (Combesp). Este evento, várias vezes sediado por cidades paulistas, até seu encerramento também em Barretos, em **1966**, foi responsável pelo estímulo e disseminação de Mocidades Espíritas, inclusive, tendo propiciado o aparecimento de vários expositores espíritas. O primeiro evento seccional do Estado de São Paulo foi a Concentração de Mocidades Espíritas da Noroeste do Estado de São Paulo (Comenoesp), realizada na cidade de Penápolis, em janeiro de **1956**, sob a liderança de Orestes Girofel. A partir dela surgiram as confraternizações das demais regiões do Estado: Nordeste, Leste, Capital e arredores, contando com o acompanhamento do Departamento de Mocidades da USE. Em **1967**, por iniciativa da USE, ocorreu a **1*** Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado de São Paulo. O movimento das mocidades espíritas nas décadas de **50 a 60**, foi responsável por debates e estímulo à introdução de reuniões de estudo e de cursos nos Centros Espíritas, até então muito voltados a reuniões mediúnicas e à assistência social.

ESTUDOS RECENTES

A "Auto-avaliação das Sociedades Espíritas", efetivada pela USE em **1991**,

confirma que **59%** de sociedades informantes tinham sido fundadas há mais de **31** anos. No estudo "Estrutura Divisionalizada da USE" (**1991**) também se verifica que, proporcionalmente, nos últimos anos houve maior expansão do movimento espírita interiorano. Em **1991**, a USE já ultrapassava a marca de mil sociedades unidas, sendo **19,14%** da capital e **80,86%** do interior. Assim, nos últimos **40** anos, a expansão do número de Sociedades foi relativamente menor do que na fase de expansão da primeira metade do século XX, considerando-se o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico. Todavia, foi relevante a alteração da proporção de Sociedades entre capital e interior.

No estudo citado da USE, estabeleceu-se a média de habitantes das regiões (antigos Conselhos Regionais Espíritas, hoje USEs Regionais) para cada Sociedade Unida à USE. Eis as regiões dos antigos CREs com melhor relação habitantes/Sociedades Unidas: Franca - **7.002** habitantes; São João da Boa Vista - **10.126** habitantes; Marília - **13.842** habitantes; Assis - **14.947** habitantes; Araçatuba - **15.502** habitantes. Regiões com relação mais desfavorável: São Paulo - **77.479** habitantes; Santo André - **58.776** habitantes; Tatuapé - **35.998** habitantes; Campinas - **30.390** habitantes; Sorocaba - **30.146** habitantes. Na capital paulista esta relação se altera se computados os Centros Espíritas que não são unidos à USE.

Entre outras ilustrações, é oportuna a citação do caso de Ilha Solteira. Cidade artificialmente criada para a construção de uma grande barragem e isenta de influências típicas das regiões tradicionais, desde o princípio contou com um movimento espírita, aliás pujante para o início dos anos **70**. Além de alguns casos da capital e de cidades mais populosas, deve-se destacar que cidades com menos de quinhentos mil habitantes dispõem de Centros Espíritas com grande capacidade de lugares e frequência semanal (de **500** a **1000** por reunião pública), como Araçatuba, São José do Rio Preto e Bauru.

Para a compreensão desse conjunto de fatos, excluindo-se fatores imponderáveis para os encarnados, como planejamento espiritual e, por outro lado, as conhecidas dificuldades econômicas típicas de grandes centros urbanos, há que se trabalhar com outras hipóteses. Inclusive, o porquê da significativa disseminação do movimento espírita no Estado durante a primeira metade do século XX, anterior à fase da comunicação e da intensa produção editorial.

As regiões do Estado colonizadas ou desenvolvidas no século XX, em parte, livraram-se dos efeitos sociais e nocivos do baronato e do coronelismo e, conseqüentemente, do domínio mais intenso da Igreja Católica como religião oficial e também das seqüelas da escravidão.

Os movimentos político-sociais do final do século XIX e depois a superação da "república velha" provocaram alterações sociais que têm relação com a disseminação da cultura e de idéias novas. Em cidades paulistas fundadas no século XX já havia espíritas entre seus primeiros habitantes e alguns até exercendo

liderança na comunidade em geral.

Outro aspecto a ser considerado é a extrema dedicação à ação assistencial desenvolvida pelos primeiros espíritas, o que contribuiu para a criação de ambiente de respeito aos espíritas. Este é um fator relevante em cidade pequena e/ou em formação. A partir dos anos **60** intensificou-se a difusão do Espiritismo, com livros, presença nos meios de comunicação e propostas de cursos. A liderança carismática começou a dividir espaço com lideranças doutrinárias. Atualmente, já há excelentes exemplos de crescimento do movimento às custas de uma efetiva liderança doutrinária.

Todavia, outros fatores mais recentes deverão ser analisados para se avaliar o impacto da era pós-industrial e da comunicação na disseminação do Espiritismo. A relação entre número de habitantes por Sociedade Espíritas em regiões como a de Franca é sugestiva de que pode existir também uma relação entre escolarização, industrialização e a penetração das idéias espíritas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1 - Anais do **1º** Congresso Espírita do Estado de São Paulo. São Paulo, Ed.USE, **1947**, p.**82-105**.

4.4 MÍDIA, DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Com certa freqüência há reclamos sobre a falta de matérias sobre o Espiritismo na chamada grande imprensa, ou seja, nos grandes jornais leigos e nas emissoras de televisão, principalmente das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Nos tempos do grupo "Diários Associados", dispunha-se de seções fixas de Irmão Saulo (pseudônimo do jornalista Herculano Pires) e do jornalista Valentin Lorenzetti, no jornal "Diário de São Paulo" e contou-se com a presença de espíritas em debates e entrevistas na antiga TV Tupi, principalmente com a atuação do repórter Saulo Gomes e a participação de Francisco Cândido Xavier nos memoráveis "pinga-fogos". Em que pesem esforços mais recentes, como os do comunicador Augusto Cesar Vanucci, várias tentativas de programações com fundo espírita não persistiram nos atuais canais de TV.

Em meados da década de **70**, a novela "A Viagem" foi um estrondoso sucesso da antiga TV Tupi, alcançando **85%** de audiência. Trata-se de adaptação do romance psicográfico de Francisco Cândido Xavier "E a Vida Continua...", realizada pela novelista Ivani Ribeiro, com assessoria de J.Herculano Pires. Esta novela gerou um livro com o título da mesma. Em **1994**, a TV Globo reapresentou a novela com revisão da novelista Ivani Ribeiro e a colaboração de Solange Castro Neves. Foi outro sucesso televisivo, estimulando a venda de livros espíritas e uma grande

procura pelos Centros Espíritas, principalmente daqueles que souberam aproveitar o momento e promoveram palestras e debates sobre os temas espíritas da novela.

Francisco Cândido Xavier tem sido entrevistado e merecido reportagens nos vários canais de TV. Em **1980**, a campanha pelo Prêmio Nobel da Paz para Chico Xavier, liderada pelo deputado Freitas Nobre e com apoio de todas as federativas espíritas, demonstrou o respeito e a admiração que o povo brasileiro devota ao vulto. Recentemente, a pesquisa do instituto *Vox Populi*³⁾ confirmou este fato, aparecendo Chico Xavier com **66%** da preferência dos brasileiros que o consideram motivo de alegria para o povo.

Divaldo Pereira Franco produziu programa de TV em Salvador e, freqüentemente, suas palestras e entrevistas têm sido retransmitidas por algumas emissoras de TV.

A TV Manchete de São Paulo tem levado ao ar semanalmente o programa "Reencarnação". Nas cidades do interior e em capitais menores é relativamente fácil a introdução de participações de espíritas nos jornais, nas rádios e mesmo nas emissoras locais ou estações repetidoras de TV. Outra modalidade de uso da TV são os *clips* de divulgação de livros e eventos espíritas em TVs de Goiânia e de cidades do Paraná.

A TV, sem dúvida, tem um alcance incrível, mas não se pode esquecer das rádios, notadamente das AM, mais escutadas no dia-a-dia do país inteiro. Nesta área são inumeráveis os programas radiofônicos espíritas. As Rádio Rio de Janeiro e a Boa Nova de Guarulhos são emissoras espíritas com cerca de **25** anos de existência. Em **1995**, o sistema LBV de rádios lançou em novela o romance "Há dois mil anos", psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Além de eventuais preconceitos e de direcionamentos religiosos, evidentes em algumas empresas de comunicação, há a linha jornalística do veículo de informação. Na cidade de São Paulo, tal linha não prioriza assuntos religiosos, a não ser quando inseridos num contexto sócio-político-cultural notório e muito atual.

Tivemos vivência de fácil e intensa interação do movimento espírita com veículos de informação em cidade do interior paulista e, por outro lado, fora do movimento espírita, uma também adequada interação com a chamada grande imprensa na capital paulista, em função de atividades profissionais, cujas ações eram condizentes com os interesses de editoriais especializadas da imprensa.

Com base em fatos desde os "bons tempos" dos Diários Associados e em nossas observações, ainda que muito limitadas, somos de opinião de que o relacionamento do movimento espírita com a grande imprensa depende, basicamente de um trabalho profissional, atuante e acima de tudo ágil das assessorias de comunicação social de sociedades espíritas. O contato entre profissionais, como colegas, poderá ensejar também ambiente de amizade, de respeito, e, evidentemente, de

³ (*) - Vide cap. **2** e sua referência bibliográfica **9**, neste volume.

lembrança sobre as vinculações com o movimento espírita.

Um fato significativo foi o aparecimento na década de **70** de jornais espíritas voltados para o grande público e disponíveis em bancas de jornais. O pioneirismo é devido ao deputado Freitas Nobre com o lançamento da "Folha Espírita". No ano seguinte, surgiu o "Jornal Espírita" (da Lake, atualmente da Feesp).

O uso de vídeos nos Centros Espíritas tem sido implementado. Há várias Sociedades que têm produzido vídeos e montado videotecas. O "Anuário Espírita" (IDE) pioneiramente iniciou uma seção de comentários de vídeos com fundo espírita e, em seguida, a USE editou o opúsculo "Videoteca nas Sociedades Espíritas". Uma experiência de vídeo-jornal surgiu com o projeto "Televisão Espírita", ligado à USE Municipal de Araçatuba.

Por outro lado, há várias experiências bem sucedidas de teatro, como a liderada por Augusto Cesar Vanucci, com a peça "Além da Vida", que foi levada a várias capitais e cidades brasileiras durante a década de **80**. Porém, na capital paulista tem sido permanente a apresentação de peças baseadas em obras psicográficas de Zíbia Gasparetto, como "Laços Eternos".

Os livros espíritas tem sido cada vez mais expostos ao grande público nas bancas e feiras do livro espírita montadas em logradouros públicos, e se encontram disponíveis em algumas grandes redes de livrarias que atuam em **Shoppings** e supermercados. Inclusive, obras psicográficas de Zíbia Gasparetto têm figurado com frequência entre as **10** obras de ficção mais vendidas, marcando esta posição honrosa entre os **10** mais vendidos durante todo o ano de **1995**.

Na área das comunicações e da informática, surgem esforços variados. A abertura do Iº Congresso Mundial de Espiritismo, realizado pela FEB em Brasília, em outubro de **1995**, teve sua cerimônia de abertura transmitida pela Embratel para todo o país, permitindo que muitos assistissem em suas residências, via antena parabólica, ou nos auditórios da Embratel nas capitais.

Já há alguns livros espíritas em disquetes, e informações e livros espíritas já estão surgindo na *Internet*.

EXPERIÊNCIA DE JORNAL ESPECIALIZADO

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo mantinha como seu órgão o jornal "Unificação", circulando há **39** anos. Era necessária uma adequação de sua linha editorial e a Diretoria Executiva da USE, que assumimos em **1990**, tinha entre suas propostas de gestão: "privilegiar a orientação aos dirigentes espíritas no jornal "Unificação". Numa das primeiras reuniões desta Diretoria, a convite de alguns diretores, Wilson Garcia apresentou um projeto mais ousado que seria a transformação em um novo periódico - "Dirigente Espírita", com objetivos

bem definidos.

O número **1** circulou no bimestre setembro-outubro de **1990**, inovando na linha editorial, na editoração eletrônica e no formato. Na administração do periódico, Wilson Garcia ficou como editor; Ivan René Franzolim, como secretário; Luiz Antonio Fuchs, Eder Fávaro e Antonio Cesar Perri de Carvalho, membros da Redação e Carlos Teixeira Ramos, responsável pelas assinaturas. O projeto inovador sofreu alguns questionamentos iniciais, mas se firmou, deixando de ser uma espécie de "diário oficial" do movimento paulista e divulgador de artigos variados.

Os três anos de circulação foram assinalados com a publicação de uma coletânea de **51** artigos selecionados, em forma de livro — "Centros e Dirigentes Espíritas" lançado por Edições USE, no Simpósio da Associação dos Jornalistas Espíritas, em **1994**. Este jornal tem mantido seções especializadas de orientação aos dirigentes, como "de olho na lei" e ainda reportagens destacando experiências exitosas de Sociedades Espíritas. Num levantamento sobre os assuntos publicados nos primeiros cinco anos de circulação, foram mais frequentes: mídia, divulgação e comunicação; Centro Espírita; doutrinários; USE e unificação; movimento espírita; comportamento; administração e planejamento; lar e família; curas, passes e mediunidade; dirigentes e direção; livros, biblioteca e codificação; sociedade, política e governo; ensino e educação; arte e teatro. A circulação de "Dirigente Espírita" tem-se mantido fiel à sua proposta editorial e insere-se num projeto global da USE de priorizar ações e publicações destinadas aos dirigentes e colaboradores.

Vale o destaque que a presente obra, em grande parte, foi gerada a partir de artigos que elaboramos para o "Dirigente Espírita". Desta maneira, o projeto inovador deste jornal tem funcionado também como um "balão de ensaio" para novas propostas e para novos livros.

5 EXPERIÊNCIAS DE CENTRO ESPÍRITA

5.1 POLÊMICAS SOBRE APARÊNCIA E TAMANHO

Nas últimas três décadas, vimos ou acompanhamos alguns fatos e inovações no movimento espírita. Há também as polêmicas que não acrescentam em termos de melhoria da qualidade do movimento espírita e, também, o aparecimento de algumas novidades muito passageiras.

PROJETO ARQUITETÔNICO

A estrutura física das Sociedades Espíritas sofre influências da época e da proposta de trabalho do grupo. Há algumas instituições que atendem a projeto arquitetônico inovador oferecendo espaços confortáveis e agradáveis.

Embora haja grande diversidade de situações, desde Sociedades de um único cômodo até aquelas de vários pavimentos, ao longo de décadas, são evidentes alterações nas edificações. Ocorreram as fases do único salão; da sala da diretoria/salão com palco; sala da diretoria/ biblioteca/salão/sala para passes, etc. Mais recentemente, criou-se espaço para outras salas, com a finalidade de se implementarem reuniões privativas e de estudos.

Há instituições que construíram ou reformaram seus prédios, adequando-os ao contexto da época atual. Outras insistem em uma pretensa simplicidade, independentemente do bairro onde se localizam, do clima e da proposta do Centro. E ainda aquelas que procedem a ampliações e reformas sem um planejamento técnico, criando labirintos ou "puxadinhos". Enfim, mesmo com tamanhos diferentes, há Sociedades que dispõem de estruturas físicas confortáveis e agradáveis e outras que, evidentemente, não causam uma boa impressão, pelo menos na sua aparência.

A propósito do assunto, **Ciro Pirondi¹** destaca que *"se o espaço físico projetado denota alguma intenção, o propósito dos Centros Espíritas é ministrar palestras de cunho doutrinário ao maior número de pessoas possível, sem permitir a discussão, a troca de idéias, a aproximação (física) dos oradores, que são colocados, pela própria disposição espacial, em lugar de destaque. Se pensarmos na afirmação de Kardec de que "o Espiritismo não busca fazer prosélitos", deveremos modificar nossos desenhos (intenção), a fim de atendermos à real significação do Espiritismo. Salas com certa mobilidade, ao invés de grandes salões, espaço para reuniões públicas que permitam aproximação entre os participantes".* A propósito da polêmica questão da simplicidade, o citado arquiteto comenta: *"Beleza e simplicidade, sem falsa modéstia. Um chão de terra batida, frio, onde todos sentem-se desconfortados no inverno, não é sinal de humildade — as catacumbas fazem parte da História Antiga, vivemos na era da eletrônica — uma iluminação mal feita e acabamentos sem cuidados estéticos, na busca masoquista de uma simplicidade interior, não nos darão a simplicidade real, que é uma conquista interior".*

CENTROS GRANDES E PEQUENOS

A polêmica Centro grande *versus* pequeno sempre comparece no movimento espírita. O malefício ou benefício, para os frequentadores e para o movimento espírita, não serão simplesmente consequências do porte dos Centros.

Centros grandes ou pequenos são contingências de fatores loco-regionais,

doutrinários, de recursos humanos, incluindo aí as lideranças.

Deve-se evitar a idéia de padronização. O importante é que os Centros disponham de um planejamento - que temos chamado de "projeto pedagógico" - e que será comentado à frente. Em função disto é que o Centro poderá crescer, multiplicar-se, estacionar ou involuir.

A afirmação de Kardec sobre pequenos grupos perfeitamente pode-se ser adaptada também para grandes Centros. O projeto de atividades dos Centros, os recursos humanos e a estrutura física devem ser compatibilizados. Assim, um Centro grande poderá subdividir-se em várias reuniões ou grupos. Um Centro pequeno poderá otimizar suas atividades com alternâncias de grupos em horários distintos. O importante é que nas duas situações haja uma mesma orientação de trabalho, em consonância com o planejamento de atividades do Centro. Todavia, é imprescindível que se tenha consciência do conjunto do trabalho, equipe coesa e adequada à dimensão do Centro e, sem dúvida, uma atuante equipe de recepção e de atendimento fraterno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1 - PIRONDI, C. - O desenho arquitetônico e o Centro Espírita. In: Autores diversos - Espiritismo e sociedade, São Paulo, 1986, p. 67-70,

5.2 CARACTERÍSTICAS DOS CENTROS

Ao longo de nossa vivência já tivemos tempo suficiente para observar variedades de Centros e seus resultados. Passamos a relatar alguns casos, de forma resumida e sem identificá-los. Mas são casos verídicos. Ei-los:

TIPO PERSONALISTA

Sociedade centrada na pessoa do dirigente/médium. Ano após ano, o Centro é idêntico a anos passados e até reflete o envelhecimento da liderança. Há dificuldades de constituição de equipes e de funcionamento mais ativo.

TIPO CURADOR

A preocupação central é o atendimento de pessoas necessitadas de "cura". Formam-se filas para se conseguir "consulta" e até "cirurgia espiritual". Há pouco ou quase nada de informação doutrinária. Passada a atuação do médium de curas, há casos em que o Centro desaparece.

TIPO IGREJA TRADICIONAL

O ambiente de frieza e o fato de as reuniões caírem numa rotina, estimula a presença da pessoa ou da família, sem maiores preocupações com atendimentos

fiatemos ou com o engajamento do frequentador na Sociedade. Ir ao Centro transforma-se num automatismo, como a frequência semanal a igrejas.

TIPO SALVACIONISTA

A falta do real entendimento do Evangelho à luz da Doutrina Espírita pode reavivar crenças e tradições arraigadas no povo, com um ambiente de euforia pseudo-evangélica e de ingenuidade. Nesta circunstância, confunde-se conformismo e conformação, há preocupação de doação para os carentes com esquecimento da própria família e no ambiente de trabalho paira a atmosfera do missionarismo.

TIPO ORÁCULO

Há valorização exclusiva das consultas e de opinião de mentores espirituais. Não se incentiva o estudo e a atuação intelecto-doutrinária de encarnados. Praticamente não há equipes, mas exclusivamente frequentadores, que ficam naturalmente dependentes de informações espirituais.

TIPO REPARTIÇÃO PÚBLICA

A Sociedade, com a finalidade de fazer a caridade, se envolve com convênios de toda espécie, especializando-se em apresentar propostas, realizar relatórios e prestar contas, com uma eficiência meramente administrativa.

TIPO LINHA AUXILIAR DE GOVERNOS

Embora com o propósito de atender o próximo carenciado, se atrela a propostas da Prefeitura e/ou da Secretaria de Promoção Social do Estado, construindo ou efetivando ações em atendimento a projetos externos, sempre em estreita ligação com poderes políticos. As campanhas beneficentes são intermináveis. Já vimos até baile beneficente ser promovido por lideranças assistenciais da cidade, concorrendo com eventos doutrinários.

TIPO ASSISTENCIAL

Entidade fundada com o objetivo de fazer assistência social, especificamente com crianças órfãs. A ausência de base doutrinária dificultou a formação de equipes de trabalho e ensejou problemas na obra. A solução encontrada foi a criação do Centro Espírita que passou a gerir a obra assistencial, inclusive modernizando-a para o sistema de creche.

TIPO DOUTRINÁRIO

Centro de frequência pequena, passa a introduzir curso de orientação e

educação mediúnica, e depois também curso básico de Espiritismo, como etapa preliminar para a introdução de companheiros em reuniões mediúnicas. Apesar das resistências iniciais, houve a multiplicação de pequenos grupos mediúnicos, ou seja, a ampliação da equipe, e uma enorme expansão dos freqüentadores do Centro.

TIPO ESCOLA/ASSISTÊNCIA

O Centro implantou curso básico de Espiritismo e, sucessivamente, de cursos sobre cada obra de Kardec e de autores clássicos do Espiritismo. Com o interesse crescente pelos cursos e a integração de freqüentadores na assistência social, ampliou muito sua interação com o bairro.

* * *

Evidentemente que as características predominantes que relacionamos, com base em casos verdadeiros, às vezes ainda apresentam algumas nuances mescladas. Ao longo do tempo, observamos que quando a estrutura doutrinária não é sólida, a Sociedade se fragiliza e cria condições para deturpações. No entanto, no auge do entusiasmo os responsáveis se julgam sempre absolutamente corretos. Com o tempo, o desgaste natural e a rotina comprometem o movimento espírita como um todo, da cidade ou da região, o qual deixa de refletir os objetivos da Doutrina Espírita. Mesmo lideranças carismáticas e operosas, quando não envolvem pessoas doutrinariamente preparadas na equipe, com o tempo acabam gerando desastres administrativos e operacionais em obras notáveis.

Nesses anos, ocorreu flagrante melhoria. Provavelmente, reflexos das definições do I^o- Simpósio Centro- Sulino, dos anseios das primeiras Mocidades Espíritas para implementação de reuniões de estudos, os esforços para implantação dos cursos nos Centros, a explosão da divulgação dos livros espíritas e um maior interesse pelo Espiritismo, os documentos sobre Centro Espírita gerados pela USE e pela FEB. Em 1992, a USE promoveu o 8^o- Congresso Estadual de Espiritismo apenas com temas sobre Centro Espírita, havendo, em seguida, ampla divulgação dos Anais.

Esses relatos devem se constituir em alerta de que a boa vontade, com ou sem orientação espiritual, não é suficiente para se alicerçar Sociedades. Para liberá-las da satisfação de "egos" e colocá-las a serviço do esclarecimento e da libertação espiritual das criaturas, devem-se superar as opiniões pessoais e o missionarismo. Para tanto, é fundamental o real entendimento dos propósitos da Doutrina Espírita, com definições muito claras dos objetivos do Centro Espírita, célula básica do movimento espírita.

5.3 EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA

Em fevereiro de 1974, fomos responsáveis pela implantação do programa

"Centro de Orientação e Educação Mediúnica" (COEM), no Centro Espírita "Luz e Fraternidade", em Araçatuba (SP). Esta foi a adoção pioneira no Estado de São Paulo do programa elaborado e testado, entre **1970 e 1972**, por equipe do Centro Espírita "Luz Eterna" (de Curitiba), sob a liderança de Alexandre Sech, Célio T. Costa, Ney e Neuton Albach.

O C.O.E.M. é um programa de estudos que tem por base "O Livro dos Médiuns" e demais obras da Codificação, bem como algumas obras subsidiárias e utiliza o processo preconizado por Allan Kardec do aprendizado gradativo e sistemático, partindo do simples para o complexo.

A programação original do C.O.E.M., com quase dois anos de duração, foi repetida consecutivamente por quatro vezes no C.E. "Luz e Fraternidade", até agosto de **1980**. A partir daí foram realizadas algumas experiências de adequação do programa, reduzindo-o para um ano de duração, mas precedido de um curso básico de Espiritismo. O desenvolvimento teórico-prático gradativo do programa, ensejado pelo C.O.E.M., contribui muito para que os frequentadores tenham melhores condições de se desinibir e, principalmente, de compreender e analisar o processo mediúnico.

Os resultados da aplicação do referido programa foram evidentes. Neste meio de tempo, as atividades desse Centro, a formação de sua equipe de trabalho e sua própria expansão ficaram intimamente relacionadas com o C.O.E.M. Simultaneamente, a partir do referido Centro, outros aproveitaram a experiência. A então União Municipal Espírita de Araçatuba, sob nossa presidência, duplicou apostilas e incentivou a aplicação do programa em quatro Centros de Araçatuba: União Espírita "Paz e Caridade", Grupo Espírita da Fraternidade, Aliança Espírita "Varas da Videira" e Centro Espírita "Bezerra de Menezes". Aliás, alguns representantes dos citados Centros acompanharam o desenvolvimento do C.O.E.M. desde sua implantação no C.E. "Luz e Fraternidade". A validade e os benefícios do C.O.E.M. para estes Centros e para o movimento espírita de Araçatuba, são inquestionáveis. A nosso ver, foi um dos responsáveis pela melhoria qualitativa e quantitativa daquele movimento, observada durante a década de **70**.

Com o apoio do então Conselho Regional Espírita de Araçatuba (hoje USE Regional), realizamos "Jornadas sobre Mediunidade", a partir do período do "carnaval" de **1976**, adotando temas básicos sobre mediunidade. Tais eventos anuais contaram com a presença de dirigentes não apenas da região, mas de várias partes do Estado, sequiosos de conhecer o C.O.E.M. e de manter contato com a equipe de Curitiba. A partir daí, acelerou-se a adoção deste método em vários Centros paulistas. Em **1981**, as "Jornadas" foram substituídas pelas Confraternizações de Espíritas da Alta Noroeste.

6 MOVIMENTO E SOCIEDADE

6.1 QUEM SÃO OS ESPÍRITAS?

Por ocasião de estudos realizados em nosso país, a "brasilianista" americana Ann Q. Tiller³ já observava que *"os cultos ocupam um lugar proeminente na moderna sociedade brasileira"* e ainda destacava que incorporavam tradições religiosas de várias partes. Continua: *"Uma estimativa de 1973 indicou que aproximadamente 60 milhões de brasileiros estavam ativamente engajados nestas práticas e o número tem continuado a aumentar em todas as camadas da sociedade"*. Sem dúvida, a miscigenação com os povos indígenas e negros, de tradições com cultos mediúnicos, propiciou facilitação para a entrada das idéias espíritas.

Atualmente, há aproximadamente seis mil instituições espíritas no Brasil. Conforme o censo do IBGE, os "espíritas kardecistas" representam 4% da população brasileira. Todavia, há outros dados interessantes. Há estimativas de que, pelo menos, 20% da população brasileira têm simpatias e/ou contatos ocasionais com o Espiritismo. O espraiamento de idéias e de atuações espíritas pode ser aquilatado pela pesquisa do instituto *Vox Populi* do final de 1995, ao revelar que 66% dos brasileiros consideram que Chico Xavier trouxe grandes alegrias ao povo⁴.

Ao analisarmos pesquisa realizada pelo prof. Rubem Cesar Fernandes, tendo como fonte a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, do IBGE, de 1988, já nos surpreendemos com os dados relativos ao Grande Rio¹. Na oportunidade, destacamos o fato de que os espíritas apareceram de forma significativa nas faixas de renda e de escolaridade mais elevadas. Na pesquisa citada, os espíritas têm perfil muito distinto, por exemplo, dos evangélicos. A vista disto, comentamos que o Espiritismo está penetrando no segmento dos formadores de opinião.

A propósito de pesquisas eleitorais, o jornal "Folha de São Paulo" trouxe uma matéria inédita, destacando que nunca ninguém produziu este tipo de dado no Brasil e informam que realizaram entrevistas em todo o país. Sem entrar no mérito da pesquisa *Daíafolha*, no tocante às intenções de voto, interessa-nos chamar atenção para alguns comentários da matéria: *"outra informação nova e surpreendente é sobre as tendências políticas dos espíritas kardecistas, além dos dados eloquentes sobre seu perfil sócio-económico e sua inserção na rede urbana. Altamente escolarizados (25% com curso superior), a maior parte deles residindo em regiões metropolitanas (55%) e em grandes cidades (68%), os espíritas kardecistas se concentram nas duas faixas mais altas de renda familiar"*². Em outubro de 1995, o *Daíafolha* mostrou que 7% dos escolares de São Paulo

⁴ (*) - Vide cap. 2 e sua referência 9, neste volume.

declararam-se espíritas, sendo o segundo contingente religioso entre os jovens estudantes.

As pesquisas *Daíafolha* são compatíveis com os dados do IBGE de 1988. Acrescentam a informação da inserção urbana com predominância em grandes cidades e regiões metropolitanas. Fica claro que o conjunto de dados que apresentam o perfil sócio-econômico dos espíritas, em princípio, contradizem panoramas de cidades pequena e de movimentos espíritas muito localizados e distanciados de formas de intercâmbio.

O cenário das pesquisas, compatíveis entre si, apontam, pois, para uma visão mais ampla e mais real do movimento espírita, sem os *achismos*. Ou seja, há muitas projeções para o movimento, até com recomendações ou regras, de maneiras e óticas muito pessoais e extremamente localizadas, distanciadas da realidade global ou sem possibilidades de adaptações e/ou flexibilizações. Aí não importa se a liderança ou recomendação seja de encarnados ou de desencarnados, pois estes últimos também podem padecer de falta de visão. As generalizações das recomendações, as padronizações e as meras imitações, sem se levarem em consideração peculiaridades locais, criam situações dissonantes.

A falta da consideração dos fatores sócio-econômico-culturais de um determinado grupo, dos frequentadores e dos colaboradores de um Centro leva a situações incômodas e, muitas vezes, ao insucesso da instituição. Já tivemos oportunidade de conhecer instituição de bairro carenciado com nível de palestras e de cursos muito elevados e, por outro lado, Centro de bairro de classe média alta com tipo de atuação doutrinária e assistencial típicas de bairro de periferia... Os descompassos criam quadros de Centros pouco frequentados e/ou com dificuldades de equipe. Assim, não se deve fazer *tabula rasa*, e nem se tratar desiguais como se fossem iguais. A própria Doutrina é clara ao afirmar que os Espíritos são imortais, livres e diferentes em seus estágios evolutivos!

A grande disseminação dos livros espíritas e a própria essência da Doutrina são mais permeáveis, com raras exceções, no segmento mais escolarizado que, a rigor, seriam os melhores multiplicadores ou formadores de opinião. Acontece que este quadro de realidade não pode ser deturpado, fechando-se em determinados grupos. Os mais simples do ponto de vista sócio-cultural devem merecer o apoio e estarem interagindo com naturalidade. Erroneamente, fala-se muito em perigos de elitização do movimento espírita. Se uma instituição for fechada em tomo de grupo pequeno e autoritário, ainda que não tenha cultura, está dando exemplo de Sociedade fechada... Infelizmente, num ranço de deturpações ditas de tratamento com igualdade e de oportunidades para todos, cria-se preconceito contra quem tem cultura e/ou é detentor de uma situação sócio-econômica mais privilegiada. Feita esta delicada análise, toma-se interessante verificarmos a tendência do movimento espírita atual de se disseminar e se solidificar com base na divulgação de livros, cursos e seminários. Sem dúvida, a situação

sócio-econômica e da escolaridade de nosso país é muito diferente dos cenários de décadas passadas.

É chegado o instante que não se deve mais ficar sujeito a propostas individuais e, muitas vezes, com o tempero salvacionista de posturas religiosas alienígenas. Há necessidade de se evitar projetar-se uma instituição ou determinado tipo de atuação para se atender ao *ego*, ou a uma pretensa *missão*, muitas vezes como forma de imposição de determinado tipo de liderança. As ações doutrinárias e assistenciais devem ter uma adequada estruturação e inserção na comunidade, inclusive, para uma ação que poderá ser conjunta do movimento espírita e não necessariamente de uma instituição. Uma visão mais prática, organizacional e sistêmica, sem dúvida, daria maior força ao próprio movimento espírita. Daí a importância do movimento de unificação, desde que levando-se em conta seus fundamentos, sua impessoalidade, o respeito à diversidade, o estímulo ao desenvolvimento harmônico e racional do movimento e as ações de intercâmbio, fraternidade e solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - PERRI DE CARVALHO, A.C. - O perfil sócio-econômico do espírita. In: Autores diversos - Centros & dirigentes espíritas. São Paulo. Ed. USE, 1994, p. 72-76.
- 2 - PERRI DE CARVALHO, A.C. - Quem são espíritas? *Dirigente Espírita*, ano 5, nov.-dez. 94, p.5.
- 3 - TILLER, Ann Q. - The brazilian cult as a healing alternative. *J.Latin Amer. Lore*, 5: 255-72, 1979.ESPIRITISMO E MODERNIDADE

6.2 OS ESPÍRITAS ESTÃO NOS CENTROS?

O "Seminário Internacional Centro XXI" (São Paulo, 1995) discutiu os problemas das megacidades. Prevê-se que dentro de algumas décadas a população urbana do mundo deverá superar a população rural e naturalmente com vários fatos decorrentes da concentração populacional nas metrópoles. São Paulo deverá ser uma das "cidades mundiais", isto é, uma das sedes de comando da sociedade globalizada do próximo século. Outro aspecto será a dualidade entre opulência e miséria, com tendência à ampliação das faixas de exclusão social nas megacidades.

As previsões do evento citado nos ensejam reflexões, associando com as informações estatísticas sobre os espíritas, há pouco comentadas⁵.

Os dados são alvissareiros, mas igualmente inquietadores. Embora longe das preocupações das religiões formais e ritualísticas, com tendências proselitistas e

⁵ (*) - Vide item 6.1, neste volume.

salvacionistas, de valorização quase que exclusiva da freqüência aos templos, cabe uma questão. O percentual de espíritas e com o perfil sócio-econômico identificado, detectado no conjunto de pesquisas, não é muito compatível com a realidade da rotina do movimento espírita. Não há dúvida que há progressos quantitativos e qualitativos. Porém, suspeitamos que uma larga faixa dos espíritas declarados e de simpatizantes esteja fora dos Centros e do movimento espírita em geral.

De um lado, isso pode ser analisado pelo rápido processo de mudança de nossa sociedade. O assunto é tratado por Zarur: *"Enquanto grande parte do país realiza no cotidiano o modelo rural, o desenvolvimento de um capitalismo industrial ensejou o crescimento de uma classe média urbana, diversa da pequena classe média tradicional. O rearranjo do sistema de classes sociais, no Centro-Sul do Brasil, acarretou significativas mudanças nos processos de formação de grupos e de ocupação de espaços institucionais. Começaram a surgir características do capitalismo moderno, como o individualismo e relações impessoais sem no entanto desaparecerem formas culturais da sociedade agrária tradicional"*.

Especificamente analisando o nosso movimento, nossa hipótese é que haja dissonância entre propostas/atuação dos Centros, com as características e demandas da sociedade. Ou seja, parece-nos que um engano comum em nossos dias é o Centro de bairro de classe média/média alta ou de potencial universitário, mantendo atuação típica de bairro de periferia ou só voltado a carentes sócio-econômicos. A mesma hipótese é válida para as Mocidades, agravada ainda pela natural tendência do jovem buscar cursos superiores, inclusive em cidades maiores, e, no movimento espírita, sentir-se deslocado do seu ambiente sócio-cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ZARUR, G.C.L.- A arena científica. Campinas. Autores Associados/FLACSO, 1994. p. 56.

6.3 VISÃO DE FUTURO

A visão futura sobre concentração populacional nas grandes cidades e nas metrópoles, com pronunciado ambiente de diversidade, fortalece a proposta que divulgamos sobre a elaboração de autênticos "projetos pedagógicos" para os Centros Espíritas. O planejamento dos programas de estudos, de reuniões e de atuação comunitária levaria em conta, basicamente, o perfil predominante do freqüentador e as demandas do bairro (ou da cidade, no caso de cidades menores) em que o Centro está situado. Outro fator a ser ponderado é que a vida moderna nas grandes cidades já impõe limitações aos dirigentes, colaboradores e freqüentadores.

Numa perspectiva para o futuro, imaginamos o aumento da tendência para a

regionalização da vida das pessoas no mesmo bairro da residência. Provavelmente, não haverá disponibilidade para atuação nos Centros em vários dias da semana. Isto sinaliza para a necessidade da racionalização de atividades e de reuniões, mantendo-se condições para a freqüência das famílias. Os cursos e reuniões de estudos são muito apropriados para os Centros com freqüentadores com um mínimo de nível de escolaridade, mas precisam ser adequados à realidade cultural do grupo interessado. Todavia, deverá ser mais interessante, ao invés de se oferecer um ou dois cursos longos, que eles sejam subdivididos e propiciem diversidade de cursos ou de estudos temáticos, com menor tempo de duração. Assim, os cursos mais longos seriam subdivididos em módulos. O interessado poderá freqüentar a seqüência de módulos, mas psicologicamente parece-nos mais aceitável a gradativa opção por novos módulos do que a informação de que o curso terá a duração de 2 ou 4 anos! O desenvolvimento das palestras nas reuniões públicas deverão atender a um programa e contar com colaboradores no estilo de expositores e que estimulem técnicas de estudo e de participação. Ou seja, os expositores deverão ser preparados doutrinária e didaticamente, inclusive para melhor atenderem aos ditames da vida moderna de linguagem objetiva e clara e com técnicas participativas. Com urgência, algo deverá ser feito para se evitar a dispersão de crianças e de jovens.

As atuações assistenciais, para os carentes sócio-econômicos, deverão ser mais localizadas, pois, numa grande cidade, a riqueza e a miséria já convivem muito próximas. Para prestar serviços à comunidade carente, necessariamente um Centro não precisa implantar um núcleo assistencial a quilômetros de distância. Há muitas ações que poderão ser efetivadas no próprio bairro, como junto a menores de rua. Imaginamos que, provavelmente, uma grande cidade deverá contar com maior rede de Centros e com diversidade de oferta de reuniões, de cursos e de ações em geral.

Por outro lado, as ações espíritas em bairros e regiões periféricas e/ou carenciadas parecem-nos prementes. Inclusive, sem se preocupar com proselitismo, é interessante saber-se que os dados estatísticos revelam serem as faixas sociais C-D-E as menos declaradamente espíritas.

Órgãos de unificação ágeis poderão colaborar com o planejamento e o acompanhamento do conjunto de atividades do movimento espírita de um bairro ou de uma cidade e, inclusive, estimular o apoio para Centros periféricos que tenham deficiências de recursos humanos

7 SE ESTÁ BEM, COMO MELHORAR?

7.1 AS LIGAÇÕES ESPIRITUAIS

Muito anterior aos livros sobre as relações entre as humanidades encarnada e desencarnada, incluindo aí os propósitos e o funcionamento dos Centros Espíritas, o Cristo já alertava os discípulos: *"...e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus"*³.

Inquestionavelmente, há uma dimensão espiritual e cósmica do Centro Espírita. Todavia, as ligações com o espiritual não dispensam a contrapartida dos Espíritos encarnados, com bases materiais para a efetivação das ações. O dimensionamento das diversas ligações, feito de forma participativa e bem representativa, a mais coletiva possível, resguarda o movimento das posturas personalísticas de encarnados e de desencarnados. Estes posicionamentos, a rotina e o isolamento podem "desligar" dirigentes e trabalhadores dos reais objetivos da Doutrina Espírita. O estado de "desligado" impede que eficientes pessoas elevem ao patamar da eficácia importantes trabalhos que deveriam atender a fins educacionais ou espirituais, abrangentes, como *"o progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei da justiça, de amor e de caridade"*¹. O cotejo de dados e fatos sobre o movimento espírita em geral com os propósitos e postulados da Doutrina Espírita, sem dúvida, fornece indícios para uma avaliação humana sobre o estado, a vitalidade e o alcance das "ligações com os céus".

Após considerar o período de elaboração do Espiritismo, ao se referir ao futuro, Kardec alerta que *"os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá"*². O Codificador ainda delineia os períodos do desenvolvimento das idéias e o terceiro seria *"o da aplicação e das consequências"*¹. Ao comentar tal assunto, Emmanuel se refere ao terceiro período: *"quanto a nós, que nos achamos na fase do entendimento, sabemos concretizar os princípios da fraternidade e esparzir o socorro moral, em benefício das consciências, estendendo a luz ao coração do povo, porquanto o Plano Espiritual atinge o Plano Físico, em cumprimento das promessas do Cristo..."*

Um processo de auto-avaliação das Sociedades Espíritas representa uma excelente oportunidade para se formar uma visão de totalidade do movimento espírita, analisando-se a abrangência das múltiplas "ligações".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - KARDEC, A. - O livro dos espíritos, Rio de Janeiro, Ed.FEB, Conclusões IV e V.

2 - _____ - Obras póstumas. Rio de Janeiro, Ed. FEB, cap. Constituição do Espiritismo, item I.

3 — MATEUS, 16: 19. - Novo Testamento.

4 - XAVIER, F.C./EMMANUEL - Seara dos médiuns. Rio de Janeiro, Ed. FEB, p. 95.

7.2 PERFIL DO DIRIGENTE ESPÍRITA

Na amostragem da "Auto-avaliação das Sociedades Espíritas", realizada pela USE (1991), 61% das Sociedades informantes responderam que têm facilidade para o preenchimento de cargos. Todavia, em outro item, 51% informaram que realizam reuniões de orientação para diretores e colaboradores. Este é um ponto de partida para a reflexão sobre o tema. Se as reuniões de Diretoria com colaboradores fossem mais frequentes e realmente efetivas, provavelmente os dados seriam diferentes. A questão se relaciona com aspectos de liderança e estilo de administração e se refletem na própria dinamização das atividades do Centro Espírita.

A opinião de Allan Kardec é oportuna, pois faz importantes ponderações sobre as Sociedades Espíritas^{4.0}. O Codificador entra no cerne de uma das dificuldades mais sérias: *"os antagonismos que não são mais do que efeito de orgulho superexcitado, só poderão prejudicar a causa, que uns e outros pretendem defender* A visão reducionista e endogênica não assegura a integração e o desenvolvimento das Sociedades num contexto geral. A visão deve ser abrangente. Após considerar o período de elaboração do Espiritismo, ao se referir ao futuro, Kardec alerta que *"os resultados coletivos e gerais serão frutos do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá"*³.

Além dessas nuances, resta a dúvida central. Afinal, há um perfil do dirigente espírita? Provavelmente não haja um perfil, mas parâmetros amplos, adaptáveis às diversas situações, sempre com base na proposta vivencial da Doutrina Espírita. Em artigo no "Dirigente Espírita" Ivan Franzolim analisa se haveria uma administração espírita. Considera que não há uma modalidade de administração com esse adjetivo. Todavia, opina que os Centros Espíritas *"não podem prescindir de uma boa administração, principalmente nesta época de grandes avanços na era tecnológica e de comunicação"*².

A direção liderada ou liderança democrática, com a cooperação do grupo, pela competência, paciência, tolerância e honestidade de propósitos é a que mais se coaduna com os fundamentos da Doutrina Espírita. Tal liderança deve-se refletir

no fluxo do organograma da Sociedade, ensejando sempre espírito de participação e de parceria, evitando-se centralização, hipertrofia organizacional e a burocratice. Os colaboradores devem ser valorizados, levando-se em consideração a adaptação do trabalho ao homem e vice-versa, bem como a adaptação do homem ao homem. Há também uma liderança situacional, que embora mais localizada numa pessoa, mas em um grupo onde todos são líderes.

O dirigente espírita deve adotar princípios de administração participativa, com o respeito pelo indivíduo, criação da sensação de envolvimento e do espírito de equipe, preocupação com treinamento e aperfeiçoamento, e com procedimentos mais semelhantes à administração profissional e sem proteções, lembrando que, obviamente, não deva existir nas instituições espíritas formas de administração idênticas às empresariais.

Inclusive, as próprias reuniões administrativas devem ser muito bem elaboradas, respeitando-se qualidades fundamentais desde a clareza da proposta até a organização da agenda. Deve existir o espaço para a real contribuição dos participantes. Reconhece-se que um líder de reunião deve ter calma, competência e confiança.

Rubens Braga faz algumas sugestões aos dirigentes de Centros Espíritas: "*Não há dúvida de que planejar, organizar, coordenar, treinar, delegar, motivar, avaliar são responsabilidades de todo dirigente espírita. Entretanto, não deve ser esquecido que tudo isso só terá sentido se a Doutrina Espírita, a partir destas atitudes, puder ser estudada, divulgada e exemplificada mais e melhor*".

A administração da Sociedade Espírita deve refletir os postulados comportamentais oferecidos pela Doutrina Espírita. Entre as condições para o adequado funcionamento da Sociedade, deve-se considerar a capacidade para adoção de mudanças a tempo, funcionamento através de efetiva participação dos colaboradores com conduta administrativa flexível e aberta às transformações.

Pelo menos alguns princípios são imprescindíveis ao perfil do dirigente espírita, como o conhecimento doutrinário, empatia pelo próximo, direção democrática ou de liderança situacional, um mínimo de noção administrativa, flexibilidade às adequações e renovações necessárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - BRAGA, R. - Sugestões aos dirigentes de centros espíritas. Dirigente Espírita, ano **1**, nov.-dez. **1990**, p.4.

2 - FRANZOLIM, I.R. - Existe uma administração espírita? Dirigente Espírita, ano I, jan.-fev. **1991**, p. **12**.

3 - KARDEC, A. - Obras póstumas. Rio de Janeiro, Ed. FEB, cap. Constituição do Espiritismo, item I.

4 - _____ - O livro dos médiuns. Rio de Janeiro, Ed. FEB, cap. Das Reuniões e das Sociedades Espíritas c item **348**.

7.3 COMO TORNAR MELHOR O CENTRO ESPÍRITA

A análise da expansão do movimento espírita paulista mostra a alteração na proporção de Centros Espíritas entre capital e interior e destaca as diferenças regionais na relação Centros Espíritas/habitantes. Estes fatos sugerem que a evolução do movimento espírita sofre influências de fatores sócio-econômicos e culturais.

Assim, em que pesem os aspectos espirituais, aliás, de certa forma, subjetivos para considerações em planejamentos humanos, é muito pertinente que se dê ênfase à elaboração humana e que o Centro Espírita seja visto em função do contexto em que vivemos e, especificamente, em função das condições dos recursos humanos disponíveis. Evidentemente que aí se incluem também as condições doutrinárias.

A auto-avaliação, ou seja, a própria equipe avaliando o Centro, permite melhor acompanhamento e checagem do cumprimento dos propósitos do Centro. Encontramo-nos em faixa de aprendizagem constante, conforme assinala Emmanuel na página "O Centro Espírita". Nada mais natural que avaliemos o grau de aprendizagem e de aperfeiçoamento ensejados pelas várias frentes de trabalho do Centro.

Preliminarmente às questões mais objetivas, formuladas a partir do projeto de ação para o Centro Espírita, algumas questões básicas poderão ensejar estudos e reflexões como orientação de uma visão crítica para a avaliação:

- ◆ Qual a concepção que se tem dos programas, cursos, reuniões e atividades?
- ◆ Quais os valores e pressupostos subjacentes aos programas dos cursos e reuniões?

- ◆ Qual a visão dos frequentadores e dos expositores sustentada pelos planejamentos e dirigentes do Centro?

! Em sua essência, a que interesses se destina o programa de reuniões e de atividades?

- ◆ A que interesses sociais atende o perfil dos frequentadores e assistidos que estão envolvidos nos programas do Centro?

- ◆ Quais as relações entre as propostas de cursos e atividades do Centro e os reclamos da sociedade nesta área de atuação?

A partir daí, podem-se detalhar itens, até fundamentados em publicações da USE e da FEB que fornecem subsídios que podem contribuir com esquemas de atividades e reuniões e são resultantes de experiências, discussões e aprovações plenárias. Não são opiniões pessoais de encarnados ou de desencarnados.

Situações sociais ou de um bairro ou de uma cidade se alteram com velocidade tal que muitos objetivos específicos de um determinado Centro podem estar

superados num prazo de dez anos. Ou seja, a acomodação na idéia de que "está tudo bem", "não há porque mudar ou renovar", "em time que está ganhando não se mexe", com o tempo compromete o potencial e o futuro do Centro Espírita.

O planejamento temporal, incluindo a auto-avaliação, contribui para o fortalecimento do Centro Espírita, assegurando mecanismo natural de adequação e de renovação.

7.4 PROJETO PEDAGÓGICO PARA O CENTRO ESPÍRITA

Por ocasião da abertura do 8º- Congresso Estadual de Espiritismo, efetivado pela USE em Ribeirão Preto (1992), manifestamo-nos no sentido de que *"os Centros Espíritas devem ser avaliados e planejados sob o fio condutor de um autêntico projeto pedagógico que articule suas múltiplas ações, direcionando-as para os fins específicos a que se destinam, porém alinhados aos fins educacionais da própria Doutrina Espírita"*

Aproveitando-se termos das escolas ou de empresas, pode-se dizer que o Centro Espírita necessita de um projeto pedagógico ou de um planejamento estratégico. Em linhas gerais, apresentamos algumas sugestões iniciais para a reflexão e estudo num processo de participação e elaboração coletiva nos Centros Espíritas:

OBJETIVOS DO CENTRO

Sem dúvida os objetivos gerais ou centrais são os mesmos para todos os Centros, considerando-o *"o núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita como "escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, apri-*

ANTONIO CESAR PERM DE CARVALHO

*morar-nos e aperfeiçoar os outros"*¹². Os objetivos específicos poderão variar em função de propostas particularizadas, de propósitos localizados de determinado Centro.

PERFIL. DO FREQUENTADOR

É muito importante que as reuniões e ações sejam moduladas em função do perfil sócio-cultural dos frequentadores. O linguajar e a abordagem dos conteúdos não poderão ser os mesmos para todo e qualquer Centro. A mensagem, a essência é única. Adequa-se a abordagem. Para tanto, deve-se possuir o perfil do frequentador, através de um questionário preenchido pelos frequentadores. O objetivo não será a burocratização ou a distinção em classes sócio-econômicas, mas apenas a orientação para o diapasão das reuniões de estudo e de cursos. Neste questionário, seria muito oportuno conhecerem-se as razões ou expectativas que levaram o frequentador a procurar o Centro. Tais dados

poderiam até sugerir alguns tipos de reuniões, cabíveis para este Centro.

AUTO-AVALIAÇÃO DO CENTRO

Antecedendo o 8º- Congresso Estadual de Espiritismo, a USE realizou a "Auto-avaliação das Sociedades Espíritas" (1991), para que as diretorias e/ou equipes de colaboradores dos Centros respondessem a um questionário, levando-se em consideração orientações dos opúsculos "Atividades Doutrinárias" (da USE) e "Orientação ao Centro Espírita" (da FEB). Aquele formulário seria também uma sugestão para que os Centros, rotineiramente, adotem um esquema de auto-avaliação. A equipe de dirigentes e colaboradores poderá trabalhar os dados obtidos dentro de um processo de reflexão contínua e de ação. Em algumas questões esta equipe poderá sentir as reações e pensamentos dos próprios freqüentadores.

O fato é que a auto-avaliação deve-se incorporar com um processo natural dentro do planejamento e acompanhamento das ações do Centro Espírita, como um significativo momento de questionamento e de reflexão. Com esta prática, vencem-se rotinas e até tradições que já não se coadunam com a realidade da sociedade e do próprio movimento espírita. Além da opção do questionário, a auto-avaliação pode ser efetivada com seminários, reuniões amplas de colaboradores, que teriam o sentido de se repensar o Centro Espírita. Temos conhecimento de Sociedades que suspenderam as atividades rotineiras de uma semana para, nos próprios horários das reuniões ou atividades, analisarem o andamento das mesmas. Tais sugestões para auto-avaliação são formas para se rever procedimentos, das condições de participação aos colaboradores e, sem dúvida, contribuem para a renovação e fortalecimento de atuações.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE REUNIÕES E ATIVIDADES

Na organização de atividades do Centro não faz sentido a prática ainda existente, que cada reunião seja integrada e dirigida por pessoas dissociadas entre si. A mesma coisa entre atividades, da evangelização infantil à assistência social. O serviço assistencial deve ser atrelado aos objetivos gerais e específicos do Centro e apresentados na base doutrinária. A evangelização infantil e a mocidade não devem ser estanques, como se as reuniões de estudos fossem para adultos, a evangelização devesse ser praticada por jovens, etc. Até poderá dar a impressão que, por descargo de consciência, o Centro mantém um horário para crianças e para jovens. O Centro deve ter uma organização ou até uma Comissão Doutrinária, como sugere o opúsculo "Subsídios para Atividades Doutrinárias" (Ed. USE).

Uma outra sugestão é que a comissão doutrinária tenha ação integradora,

reunindo os responsáveis pelas diversas atividades do Centro Espírita. Isto evitaria que, eventualmente, esta comissão tratasse exclusivamente de reuniões e de cursos, sem a inserção deles no conjunto de trabalhos do Centro Espírita. Deve haver um planejamento global para as reuniões, cursos, etc., inclusive de seus programas para a necessária integração de ações, estabelecendo uma seqüência de participações. Evidentemente que tal organização não significa que as reuniões devam ser dirigidas pela mesma pessoa ou, mais especificamente, pelo presidente. O espírito de equipe pressupõe que devam ser preparados colaboradores e dirigentes.

RELAÇÃO ENTRE OS PROGRAMAS DOS CURSOS

À vista do item anterior, fica claro que deve existir interação entre os programas, desde o curso básico ao de orientação mediúnica. Grandes temas ou até campanhas temáticas poderão aparecer num período de tempo nas várias reuniões e nos cursos, adaptados às condições.

INDICAÇÃO DE RESPONSÁVEIS POR REUNIÕES E EXPOSITORES

A prática corrente de o presidente do Centro dirigir todas as reuniões, além de não ser oportuna, evidentemente que não cabível para grandes instituições. Uma equipe de cooperadores e de dirigentes deve ser treinada em serviço. O importante não é que a pessoa ou dirigente seja o mesmo, mas sim que a orientação seja a mesma, atendendo-se aos objetivos específicos do Centro.

CONDIÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO DE CURSOS E ATIVIDADES

A orientação exclusiva de encarnado ou de desencarnado, à guisa de dirigente, não é o caminho adequado para a montagem de reuniões ou de atividades. A elaboração humana e coletiva é imprescindível para os planejamentos humanos, baseados em dados doutrinários e econômico-sociais. Outra prática inadequada é a mera repetição, montando-se algum trabalho por cópia de outra instituição. Mesmo que a experiência seja válida em função do local e do grupo, deve-se fazer uma análise de viabilidade do projeto.

SEQUÊNCIA ACONSELHADA DE REUNIÕES E/OU DE CURSOS

Evitando-se burocracia e atendimento cartorial, frio e distante, o Centro deve dispor de uma organização mínima, de um esquema de atendimento fraterno (como o sugerido em "Subsídios para Atividades Doutrinárias", da USE). Assim, o neófito que tenha interesse em frequentar e se integrar ao Centro deve contar com uma orientação para o tipo de reunião mais adequada à sua necessidade ou o curso que deverá frequentar, num primeiro momento. Tal organização também deverá apoiar a família do frequentador, abrindo espaços para a integração das famílias no Centro Espírita.

Aí estão alguns itens importantes para se subsidiar o repensar ou o planejamento dos Centros Espíritas. Como estes, indiscutivelmente, são escolas, não teríamos dúvida em afirmar que estas reflexões iniciais são contribuições para o projeto pedagógico dos Centros Espíritas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1 - Orientação ao centro espírita. Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1980, p.13.

2 - XAVIER, F.C./EMMANUEL - O Centro Espírita. In: GAR CIA, W. - O centro espírita. São Paulo, 2a. ed., Ed. USE, 1990, p. 129-130.

7.5 COMO DINAMIZAR AÇÕES REGIONAIS

Anos atrás, testamos nas pioneiras "Jornadas sobre Mediunidade" (1976) e "Confraternizações de Espíritas da Alta Noroeste" (1981), na região de Araçatuba, um método de trabalho que dinamiza ações regionais. A sugestão também é válida para "Mês" ou "Semana Espírita" de âmbito regional, evitando-se a pulverização com temas estanques.

O tema central é escolhido atendendo-se aos interesses ou necessidades da região. Em seguida, define-se: objetivos, tópicos e as principais obras para consultas. Este material é encaminhado aos expositores da região ou, se possível, apresentado em reuniões com eles, para uma espécie de "calibração". Assim, um grupo de expositores é preparado para, em linhas gerais, abordar o mesmo tema nos vários Centros Espíritas. Para alguns, até poderá ser a oportunidade para uma tarefa inicial na área da divulgação. Dependendo do número de expositores disponíveis, alguns poderão realizar várias palestras na região.

Em seguida, organiza-se o cronograma global do evento regional. Numa primeira etapa, que poderá se prolongar até por um mês, os expositores são escalados para

apresentação do tema em dia de reunião pública ou como palestra, em cada Centro Espírita da região. Desta maneira, o tema é desenvolvido em todos os Centros e se faz o convite para o comparecimento à segunda etapa do evento regional, que será centralizada.

Na segunda etapa, o evento se desenvolverá num final de semana, em apenas uma cidade, que poderá ser a sede do Órgão de Unificação Regional. O tema central não será abordado apenas da forma genérica ou informativa como no roteiro de palestras regionais. Agora, deverá ser aprofundado, debatido, chegando-se a conclusões ou recomendações. Os próprios expositores poderão atuar como monitores para o desenvolvimento de dinâmicas de grupo.

A terceira etapa deverá ser caracterizada pela divulgação regional das conclusões ou recomendações do evento.

Essa proposta de ação regional tem a vantagem de envolver maior número de expositores e de Centros Espíritas, ensejando uma divulgação mais abrangente e dinâmica de um determinado tema, incluindo a retroalimentação pós-evento.

7.6 ESFORÇO RELA UNIFICAÇÃO

O desenvolvimento das idéias espíritas seguiria três etapas segundo o prognóstico de Allan Kardec, exarado em "O Livro dos Espíritos": *"o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos; o segundo é o do raciocínio e das filosofias; o terceiro, o da aplicação e das consequências"*¹².

O tempo demonstrou que a evolução do movimento espírita corroborou o delineamento kardequiano. Em nosso país, no final do século XIX, os primeiros Centros dividiam-se entre "místicos" e "científicos". A partir da diretriz inicialmente assistencialista conquistou-se uma forte identidade com a atuação comunitária. Já com o reconhecimento pela prestação de serviços à comunidade, a difusão do Espiritismo alcançou um período de franco progresso a partir dos anos sessenta. Hoje, o pensamento espírita penetra com facilidade no seio da população.

As bases da unificação se encontram em "Obras Póstumas". Ao traçar o "Projeto 1868" Kardec adianta de início: *"Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade"*. À frente, em "Constituição do Espiritismo", depois de se referir ao período de gestação pelo qual passou o Espiritismo, admite que a *"unificação tinha que ser obra do tempo"*. Ainda neste capítulo vaticina: *"O Espiritismo em vias de elaboração, somente resultados individuais podia dar; os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá"*

Passado um século da publicação de "Obras Póstumas", mais uma vez se comprova a lucidez do Codificador. Há de se reconhecer que se vive o período da

aplicação e das conseqüências, mas também não se pode deixar de admitir que as limitações impostas pela precariedade do movimento espírita dificultam a expansão das atividades de orientação e de esclarecimento propiciadas pela Doutrina Espírita.

Não se critica a estrutura do movimento de unificação. As maiores dificuldades talvez sejam de mentalidade, de entendimento do espírito de unificação. Há ações em nome da unificação que contemplam algumas aberrações; evidentemente, criam áreas de atrito e de distanciamento entre os espíritas. Em contrapartida há muitos dirigentes que não incorporam os mais elementares princípios de fraternidade entre os Centros Espíritas e por conseqüência da própria unificação.

À proporção que o Espiritismo assume em nosso país requer a solidez das Casas e do movimento em geral. Para tanto, não bastam opiniões e esforços localizados de líderes encarnados e mesmo de orientadores espirituais. Há necessidade de um esforço coletivo conforme pondera Kardec.

A unificação é uma questão prioritária. Deve ser sinônimo de aproximação, convívio, integração, intercâmbio e de esforços gerais. Em uma bem divulgada página de Bezerra de Menezes sobre o tema há o alerta que o serviço *"é urgente mas não apressado"*- *"...não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma"*³. Unificação não deve se prender à atuação burocrática e cartorial, nem se perder em discussões irrelevantes ou em tomo somente dos pontos de desunião. Acima de tudo deve estimular a ação favorecedora da disseminação do pensamento espírita com todas as conseqüências que representará para a coletividade.

O homem de nossos dias exige respostas rápidas e objetivas. A negociação e a política de resultados se difundem em todas as áreas. O movimento espírita não pode ser uma ilha no contexto de nossa sociedade. Sem se contaminar com os procedimentos equivocados, sem dúvida, deve absorver o clima geral de abertura e de respeito à diversidade.

A nosso ver é cabível uma dosagem de pragmatismo na unificação dos espíritas. Em busca de conseqüências não só práticas como indispensáveis para o momento, deve-se refletir em princípios como: ratificação da postura de se evitar qualquer idéia de hierarquização; superação de tendências burocratizantes para o encaminhamento de questões práticas de unificação; chamamento geral aos espíritas, desde que se respeitem os princípios básicos da Doutrina; convivência fraterna na diversidade, com respeito às múltiplas experiências. Em síntese, seria a união em tomo da universalidade, em tomo dos pontos em comum.

A esse respeito, é indispensável a colaboração dos dirigentes. O Espiritismo tem o caráter de revelação espiritual mas, inegavelmente, não se pode prescindir da participação humana para o progresso do movimento espírita. Allan Kardec é exemplo da excelente integração entre a humanidade encarnada e a desencarnada. Sistematizou as informações espirituais às custas de sua experiência como

intelectual. Para cumprir suas superiores finalidades, o Espiritismo carece mais do que nunca da organização, do apoio e do dinamismo dos espíritas.

Recentemente, um movimento de unificação internacional tomou vulto com a fundação do Conselho Espírita Internacional. A primeira grande promoção do Conselho foi o Iº- Congresso Mundial de Espiritismo, efetivado em Brasília (1995), sob os auspícios da FEB. Nas relações internacionais entre as instituições espíritas são claros os esforços para se evitarem hegemonias e para se respeitarem as diversidades, à vista das evidentes diferenças sócio-culturais entre as nações. Devemos ressaltar que o movimento de unificação internacional é extremamente oportuno no momento em que as nações se reúnem em torno da Comunidade Européia e, no nosso caso, do Mercosul. Estes exemplos, em outra dimensão, são também manifestações de unificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 - KARDEC, A. - Obras póstumas. Rio de Janeiro. Ed. FEB. Caps. Projeto 1868 e Constituição do Espiritismo.
- 2 - KARDEC, A. - O livro dos espíritos. Rio de Janeiro. Ed. FEB, conclusão V.
- 3 - XAVIER, F.C./BEZERRA DE MENEZES - Unificação. In: Autores diversos - Direção de órgãos de unificação. São Paulo, Ed. USE, 1993, p.47-50.

8 CONCLUSÕES ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

8.1 A FAMÍLIA

O lar espírita mereceu um módulo no 9º Congresso Estadual da USE, fundamentado no seminário e livro intitulado "A família, o espírito e o tempo", promovido pela Comissão Estadual da Campanha "Viver em Família" (USE). A abordagem espírita relacionada a variados enfoques culturais enriquece a visão sobre família moderna.

O chavão de que a família se encontra em crise merece reflexões variadas. Simultaneamente às dificuldades da família atual numa sociedade que passa por profundas e rápidas transformações, há progressos significativos.

A antiga família nuclear (pais e filhos), influenciada pelas bases patriarcais de origem judaico-cristã, sofre influências de vários povos e culturas, num mundo mais aberto ao intercâmbio imigratório e dotado de meios de comunicação variados e eficazes. A nosso ver, é muito diferente a visão de família dentro de

uma nação fechada e sem intercâmbios com outras culturas e a realidade brasileira, à vista da intensa e variada miscigenação racial e das várias influências culturais dos distintos povos que aqui têm chegado e se firmado.

Em geral, pode-se dizer que há a passagem da família autoritária para uma família mais compreensiva, mais respeitadora das dificuldades e limitações humanas. Isto não é fundamental para o exercício da fraternidade e da solidariedade?

Dentro dessa visão que, evidentemente, tem o respaldo da fundamentação cristã e espírita, toma-se interessante o entendimento mais amplo que o familiar, habitando o mesmo lar, é um espírito imortal e livre, passando por nova experiência de existência física. Assim, o Espiritismo, como religião humanista, diferentemente das religiões autoritárias, pode contribuir para a formação da família em clima democrático e participativo. Inclusive, aí está a base para o cultivo - a partir do lar-, do hábito do respeito aos outros. No fundo, o lar é uma "pequena república" e as transformações de uma Nação estão relacionadas com o tipo de educação familiar.

Se, sem família não há sociedade e Kardec destaca a importância dos *laços de família* para o fortalecimento dos *laços sociais*¹, é da máxima importância que a recuperação dos valores morais e espirituais, e de solidariedade, rechaçando-se os ímpetos do individualismo pela via da prática social e política, sem dúvida, se iniciem no relacionamento familiar, a partir da intimidade do lar.

No lar, há a oportunidade para que os membros da constelação familiar reconfigurem melhor as suas condições existenciais. E onde o sistema de laços emocionais forma estruturas psíquicas de cada indivíduo e se transmitem padrões relacionados com comunicação, afeto e disciplina. No entanto, hoje em dia, deve-se tomar mais amplo o conceito de família, num entendimento de visão sistêmica de família. Ou seja, a identificação e a aceitação das relações entre seus componentes e da integração do organismo familiar. A família é um organismo vivo e, conseqüentemente, participante de um sistema, num contínuo processo de interação e com permanente transação com o meio.

Além desses aspectos, no lar espírita deve-se considerar que a vida religiosa é intimamente ligada à família. Somos religiosos não apenas no Centro ou nas atividades assistenciais. O familiar é nosso próximo mais próximo. O lar, o trabalho e as ações, no movimento espírita e na sociedade em geral, são espaços onde as aquisições realizadas pelo indivíduo devem se desdobrar e serem uniformes. O Espiritismo no pensamento e na ação deve ser uma constante em qualquer parte.

Num cenário de transição de padrões familiares, é hora de se valorizarem as reflexões sobre como se lidar com a família na atualidade. Repensar-se a família é repensar-se o ser existencial que, para nós, é inter-exis- tencial, é o homem

integral⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1 - KÁRDEC, A. - O livro dos espíritos. Rio de Janeiro. Ed. FEB, q. 773-775.

8.2 O CENTRO E O MOVIMENTO

Também o Centro e o movimento espírita devem merecer releituras. Kardec lançou as obras básicas da Doutrina Espírita. Todavia, simultaneamente fundou o primeiro Centro Espírita do mundo, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. As obras básicas, a revista e as viagens as- sentaram-se nessa Sociedade. Esta crescia e estimulava outras Sociedades, originando o movimento espírita.

Desde a origem, a ilustração é clara. O Centro precede o movimento. O movimento baseia-se no Centro. O Centro impulsiona e robustece o movimento. O movimento realimenta o Centro e amplia perspectivas de ação. Doutrina Espírita em ação enseja interação entre Centro e movimento. O ideal é movimentar-se o Centro e buscar-se a centralidade do movimento, evitando-se que fique periférico. O movimento espírita deve estar inserido na comunidade e com relação de cooperação com a sociedade⁷.

Parece-nos pertinente muita atenção dos espíritas para a necessária interação com o mundo que ingressa na fase i de relações abrangentes, sistêmicas, inovadoras e de competitividade global.

8.3 A ELABORAÇÃO HUMANA

Nesse contexto, é imprescindível o redimensionamento da participação humana. Evocamos a monumental obra "Divina Comédia", de Dante Alighieri. A jornada de Dante é relatada, pela selva, vales, encontro com figuras lendárias e, sob a orientação de Virgílio, ultrapassa os círculos dos infernos e o purgatório. Vale o destaque que entre os assédios, simbolicamente retrata nações, povos e instituições, como a loba romana. Finalmente, chegam ao paraíso terrestre. Do céu desce Beatriz, a divina sabedoria. Nisto, Virgílio desaparece. Beatriz expõe a Dante as faltas e explica-lhe como vencer o próprio peso e subir. Além das múltiplas interpretações ensejadas pelas imagens criadas por Dante Alighieri,

⁶ (*) - Nota da Editora: Edições USE dispõe de obras sobre o tema com a participação do autor deste volume, como "Família e Espiritismo", "Laços de família", "A família, o espírito e o tempo".

⁷ (*) - Nota da Editora - Recomenda-se o exame da obra "Centros & dirigentes espíritas", desta Editora.

parece válida a analogia com as orientações emanadas do Mundo Espiritual e as necessárias decisões pautadas pelo nosso livre arbítrio. As trajetórias dependem de nossas opções.

Na década de 40, Leopoldo Machado desfraldava a bandeira do "Espiritismo para vivos". Agora, é o momento manifesto de um novo entendimento, de incentivo à reflexão, à conscientização e à ativa participação dos encarnados. O intelectual Rivail foi o exemplo da dinâmica elaboração humana, como Allan Kardec, sistematizando a Doutrina Espírita.

Atentos às "ligações com os céus", a humanidade encarnada deve assumir mais a produção e a disseminação do conhecimento espírita e a administração do movimento espírita, nas condições adequadas ao mundo atual. Se a Doutrina é dos Espíritos, o movimento é dos homens!

Num longo trajeto evolutivo a Humanidade atingiu a fase de *homo sapiens*. Nesta situação, da faixa da barbárie à civilização, há enorme variedade de estágios. Atualmente, esforça-se pela generalização do homem cidadão e já se projeta o homem espiritual. É difícil entender-se o indivíduo como uma unidade isolada, à vista das relações interpessoais. Nessas relações foija-se a evolução. A visão global e abrangente de homem integral, propiciada pela Doutrina Espírita, pode contribuir enormemente para o aperfeiçoamento da humanidade.